



Entrevista:
Wilson Thiesen
Pág. 06

Ano 10
Número 121
Jun/2015

paraná cooperativo



1997

**PEDÁGIO
PARANÁ**

2021

IMPACTOS AO SETOR PRODUTIVO

Aguardar o fim dos atuais contratos de pedágio e fazer nova licitação em 2021 é a melhor estratégia para evitar mais prejuízos, defendem líderes cooperativistas

Ministra da Agricultura visita a sede da Ocepar e apresenta o PAP 2015/2016

PARA CRESCER CADA VEZ MAIS,
ESPALHAMOS NOSSAS RAÍZES.



Promovendo equidade e justiça social

Celebrado em 4 de julho, o Dia Internacional do Cooperativismo teve, nesse ano, em sua 93ª edição, o tema “Escolha cooperativismo. Escolha equidade”. Promovido pela Aliança Cooperativa Internacional (ACI), o tema do Dia Internacional é oportuno para que possamos refletir sobre nossa atuação e a importância crescente do cooperativismo na promoção de desenvolvimento social e econômico dos cooperados do Paraná e do país.

Apesar dos avanços econômicos, o Brasil ainda tem níveis acentuados de desigualdade social. A concentração de renda é agravada pelos nossos problemas estruturais, sobretudo pelo sucateamento da educação que perpetua o abismo entre pobres e ricos, reduz as oportunidades de desenvolvimento dos jovens e restringe o acesso ao trabalho de melhor qualificação. Como consequência, multiplicam-se as mazelas da criminalidade e da violência, que ceifam a vida de milhares de pessoas todos os anos no país. Um cenário banalizado diariamente nas páginas dos jornais, dividindo manchetes com a corrupção e a impunidade, compondo um quadro onde a equidade e a justiça social parecem ser uma distante utopia.

Mas as experiências bem-sucedidas do cooperativismo renovam nossas esperanças de que podemos sim superar séculos de injustiças, reduzindo as barreiras da ignorância, da exploração e da escassez de oportunidades; um modelo de trabalho sem represas à vontade do homem de progredir e se desenvolver, criando condições para uma vida melhor na família e em comunidade; um modelo no qual a vontade vital de expressar-se democraticamente seja incentivada e a capacidade de empreender tenha o respaldo profissional que transforma o sonho, o projeto idealizado, em realidade.

Certamente existem desafios, como a necessidade de qualificar e profissionalizar a gestão dos empreendimentos cooperativos. Há também o desafio de se manter o equilíbrio entre o social e o econômico, dualismo que

deve ser harmonizado com participação e discussão entre todos os cooperados, tendo sempre como norte os princípios e valores essenciais do cooperativismo.

Não há dúvidas de que o cooperativismo pode ser um instrumento de disseminação de práticas de equidade, justiça social e qualidade de vida. Mas é uma construção coletiva, que precisa estar focada num planejamento estratégico que busque o crescimento sustentável das cooperativas, para que elas continuem sendo uma alternativa viável de trabalho, renda e desenvolvimento para milhões de paranaenses e brasileiros.

Esta edição da revista aborda também a questão do pedágio nas rodovias do Paraná. Durante a reunião da

Diretoria da Ocepar, de forma unânime, os dirigentes das cooperativas se posicionaram contrários à prorrogação dos atuais contratos de pedágio no estado, que expiram em 2021. Depois de muitos prejuízos e entraves à competitividade do setor produtivo do Paraná, os líderes cooperativistas entendem que a melhor estratégia é aguardar o fim dos atuais contratos e então realizar nova licitação, com transparência e visando o interesse dos paranaenses, garantindo preços justos e bons serviços aos usuários. 🍋

“As experiências bem-sucedidas do cooperativismo renovam nossas esperanças de que podemos sim reduzir as barreiras da ignorância, da exploração e da escassez de oportunidades”



João Paulo Koslovski
Presidente do Sistema Ocepar



12

ESPECIAL
Setor cooperativista se posiciona contra prorrogação dos atuais contratos de pedágio no Paraná



06

ENTREVISTA

Wilson Thiesen, ex-presidente da Ocepar e da OCB, fala sobre sua trajetória no cooperativismo

20

COOPERATIVISMO

Associados de diferentes ramos relatam suas experiências e os benefícios que a cooperação traz aos negócios e à vida



24

PAP 2015/16

Ministra da Agricultura, Kátia Abreu, vem ao Paraná apresentar as medidas do Plano Agrícola e Pecuário

27

MERCADO

Especialistas discutem as tendências da economia e analisam medidas do ajuste fiscal do Governo Federal



28

FORMAÇÃO

Paranaenses conhecem experiências canadenses e americanas, cumprindo mais um roteiro de viagens pelo mundo



30 FÓRUM

Sistema Ocepar realiza pesquisa para identificar o grau de maturidade das cooperativas paranaenses em gestão de qualidade



33 TRABALHO

Unicampo (Cooperativa de Trabalho dos Profissionais de Agronomia) se destaca como a maior em seu setor no Brasil

34 EXPOFRÍSIA

Exposição Agropecuária organizada pela Batavo, movimentou R\$ 9 milhões em negócios, um aumento de 80% frente à edição passada



35 SUSTENTABILIDADE

Parque das Águas, inaugurado junto ao Parque Histórico de Carambeí (PHC), reproduz o cuidado existente em uma região da Holanda com a preservação dos recursos naturais



SISTEMA OCEPAR

DIRETORIA DA OCEPAR

Presidente

João Paulo Koslovski

Diretores

Alfredo Lang

Alvaro Jabur

Dilvo Grolli

Frans Borg

Jacir Scalvi

Jaime Basso

Jorge Hashimoto

Luiz Lourenço

Luiz Roberto Baggio

Marino Delgado

Paulo Roberto Fernandes Faria

Renato João de Castro Greidanus

Ricardo Accioly Calderari

Ricardo Sílvia Chapla

Conselho Fiscal

Titulares

José Rubens Rodrigues dos Santos

Lauro Osmar Schneider

Urbano Inácio Frey

Suplentes

Paulo Henrique Cariani

Tácito Octaviano Barduzzi Junior

Superintendente

José Roberto Ricken

Superintendente Adjunto

Nelson Costa

DIRETORIA DO SESCOOP/PR

Presidente

João Paulo Koslovski

Conselho Administrativo

Titulares

Alfredo Lang

Wellington Ferreira

Luís Augusto Ribeiro

Luiz Roberto Baggio

Suplentes

Paulo Roberto Fernandes Faria

Frans Borg

Mauro Vanz

Karla Tadeu Duarte de Oliveira

Conselho Fiscal

Titulares

Roselia Gomes

James Fernando de Moraes

Marcos Antonio Trintinalha

Suplentes

Katiuscia Karine Lange Nied

Luciano Ferreira Lopes

Iara Dina Follador Thomaz

Superintendente

José Roberto Ricken

EXPEDIENTE

Revista Paraná Cooperativo:

Assessoria de Imprensa do Sistema Ocepar/Sescoop/PR.

Editor Responsável: Samuel Zanella Milléo Filho (DRT/PR 3041) **Edição e Redação:** Ricardo Rossi, Marli Vieira e Lucia Massae Suzukawa. **Design Gráfico:** Stella Soliman Tonatto. **Conselho Editorial:** João Paulo Koslovski, José Roberto Ricken, Nelson Costa, Flávio Turra, Gerson Laueremann, Leonardo Boesche, Samuel Zanella Milléo Filho. **Diagramação:** Talf Comunicação. **Foto de capa:** SXC. **CTP e Impressão:** Gráfica Radial Ltda. **Licitação/Pregão:** 01/2015. **Redação:** Av. Cândido de Abreu, 501, CEP 80530-000, Centro Cívico, Curitiba - Paraná. **Telefone:** (41) 3200-1100 / (41) 3200-1109. **Endereço Eletrônico:** jornalismo@systemaocepar.coop.br

Página na Internet: www.paranacooperativo.coop.br

As matérias desta publicação podem ser reproduzidas, desde que citada a fonte.

Wilson Thiesen

Ex-presidente da Ocepar e da OCB

Planejar é ter uma visão de futuro

Texto: Marli Vieira e Samuel Z. Milleo Filho

“

Por mais que nós fossemos otimistas e tivéssemos uma visão de futuro, jamais poderíamos imaginar que iríamos chegar onde estamos hoje, em apenas meio século. Foi um crescimento rápido e que traz uma responsabilidade muito grande para as lideranças atuais

”

Aos 73 anos, Wilson Thiesen é uma figura conhecida no cooperativismo paranaense e brasileiro. E não é à toa. São cerca de cinquenta anos dedicados ao sistema. Uma trajetória iniciada no antigo Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário (Inda), órgão na época responsável pelo cooperativismo no Brasil e que, anos mais tarde, após uma fusão com o Ibra (Instituto Brasileiro de Reforma Agrária), seria transformado em Incra (Instituto Nacional de Reforma Agrária). “Comecei como datilógrafo”, lembra Wilson Thiesen.

Mas não demorou muito para que o coordenador do Inda no Paraná, Silvio Galdino de Carvalho Lima, outro nome respeitado por tudo que fez em prol do cooperativismo, percebesse que aquele jovem estudante podia mais, confiando-lhe a coordenação do setor de Cooperativismo, Sindicalismo e Extensão Rural. Silvio Galdino de Carvalho Lima não estava enganado. Futuramente, o próprio Thiesen assumiria a coordenação estadual do Incra.

Natural de Taió (SC), Wilson Thiesen conta que mudou ainda criança com a família para Lages, também no estado catarinense. Por imposição dos pais, veio para o Paraná, juntamente com o irmão, para cuidar de um sítio de café adquirido pela família em Santa Isabel do Ivaí, Noroeste do estado. Disposto a ganhar o seu próprio dinheiro, decidiu parar de estudar,

decisão que, de pronto, recebeu uma negativa de sua mãe. “Ela escreveu uma carta dizendo que se eu parasse de estudar, teria que voltar para Lages, porque eles não iriam mais mudar para o Paraná”, comenta. Mudou-se, então, para Nova Esperança a fim de continuar os estudos e depois para Loanda, onde acabou abrindo uma farmácia, em parceria com um amigo.

Depois de concluir o ginásial, foi preciso mudar novamente. Desta vez, escolheu Curitiba. Por um tempo, foi possível conciliar trabalho e estudos. “Quando ficou difícil, pedi demissão. Por dois anos, consegui me manter com o dinheiro que havia guardado. Até que acabou. Então, saí em busca de emprego. Fui até o Inda que tinha só meio expediente. Consegui”, relembra Wilson Thiesen, que na época, não imaginava que estava iniciando ali um novo capítulo em sua vida.

Foi, por duas vezes, presidente da Ocepar (Organização das Cooperativas do Paraná), experiência que lhe conduziu à presidência da OCB (Organização das Cooperativas Brasileiras). Em sua gestão, a Ocepar construiu o Centro de Treinamento em Cascavel e redirecionou o Programa de Pesquisa. Também foi durante seu mandato que as cooperativas formalizaram a implantação do Programa de Autogestão das Cooperativas Paranaenses. Atuou ainda como delegado do Ministério da Agricultura



Fotos: Marli Vieira/Ocepar

“Tinha minha convicção. Sabia que as intervenções ocorridas no Brasil tinham sido um verdadeiro desastre”

no Paraná, funcionário da Cocap, vice-presidente da Confepar e presidente da Assocep (Associação de Orientação às Cooperativas). Presidiu a Cooperativa de Laticínios de Curitiba (Clac), a Cooperativa Central de Alimentos do Paraná (Centralpa) e o Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados do Paraná (Sindileite). Casado com a Rucliu Pupo Thiesen e pai de três filhos, Wilson Thiesen continua dedicando sua experiência e conhecimento ao cooperativismo.

Paraná Cooperativo – Na década de 1960, como o Inda trabalhava a questão do cooperativismo?

Wilson Thiesen - Naquela época, o cooperativismo estava sob a tutela do governo. O Silvio Galdino, coordenador do Inda no Paraná, era um grande incentivador do cooperativismo. Mas, na verdade, o trabalho era muito incipiente. O Inda não sabia sequer quantas cooperativas existiam no Paraná. Decidimos fazer um levantamento. Eu coordenei o trabalho. Pegamos os registros na Junta Comercial, conseguimos uma verba de Cr\$ 40 mil (cerca de R\$ 320 mil atualizados pelo IGP-DI do mês de junho) e, junto com uma equipe de entrevistadores, percorremos o estado inteiro. Em dois anos, encontramos poucas cooperativas em funcionamento. No litoral, por exemplo, havia o registro de mais de 10 cooperativas. Ficamos

lá quase uma semana e não localizamos nenhuma. No último dia, um pescador falou: “aqui tem uma cooperativa, sim. A cooperativa do seu Tomé”. Esse ‘seu Tomé’, de fato, tinha recebido uns barcos para fundar uma cooperativa de pescadores. Mas o que encontramos, de fato, foi uma peixaria. Esse levantamento resultou na primeira Sinopse do Cooperativismo Paranaense, publicada pelo Incra, em 1970.

Paraná Cooperativo – Esse diagnóstico foi o passo inicial para organizar o setor no Paraná?

Wilson Thiesen – Com certeza. Foi a primeira grande ação e, talvez, a mais consistente. Em seguida vieram os Pidcoops (Projetos Integrados de Desenvolvimento do Cooperativismo), trabalho que uniu o Incra, Acarpa (Associação de Crédito e Assistência Rural do Paraná, hoje Instituto Emater) e o DAC (Departamento de Assistência ao Cooperativismo). O primeiro Pidcoop do estado foi o Projeto Iguazu de Cooperativismo (PIC), que buscava a integração das cooperativas agropecuárias do Sudoeste, Oeste e parte do Noroeste do Paraná. Na sequência, veio o Norcoop, incorporando o Norte do Paraná, acima do paralelo 24, e o Sulcoop, no Sul do estado. A sistemática foi a mesma do Projeto Iguazu.

A ideia inicial era que em cada uma dessas regiões (Oeste, Norte e Sul) fosse constituída uma central e que, com a conclusão dos

três projetos, uma confederação englobaria as centrais. Evidentemente, o processo não ocorreu como previsto. Não foi fundada uma confederação estadual, porém, em 1975, foi constituída a Cotriguaçu (Cooperativa Regional Iguazu, hoje Cotriguaçu Cooperativa Central) e a Cocap (Cooperativa Central dos Cafeicultores do Paraná). No Sul não houve a efetiva integração. Ficou individualizado.

Paraná Cooperativo – O Incra surgiu a partir da fusão do Inda e o Ibra, dois órgãos do governo com linhas de trabalho diferentes. Como foi esse processo?

Wilson Thiesen – No início, trouxe muitos problemas. Uma entidade não conhecia a outra. Houve, portanto, conflitos de interesses e de procedimentos. A coordenação do Incra ficou com o Silvio Galdino, cuja visão era totalmente voltada ao desenvolvimento do cooperativismo. Então, os funcionários do Ibra, e mesmo a direção em Brasília, diziam que dávamos muita prioridade ao cooperativismo, em detrimento à reforma agrária. Mas a realidade é que acreditávamos muito mais no cooperativismo como agente de desenvolvimento e na extensão rural. Depois de uns dois ou três anos de trabalho conjunto, assimilamos e superamos as diferenças.

Paraná Cooperativo – Mas o senhor acabou deixando o Incra. O que motivou a sua saída?

Wilson Thiesen – O estopim foi o desejo do coordenador estadual do Incra, que tinha me substituído e era originário do Ibra, de proceder uma intervenção estatal em uma cooperativa em dificuldade. Cabia a mim, como responsável pelo setor de cooperativismo, dar início ao processo. Não concordei, argumentando que a intervenção não era o melhor caminho. Numa segunda reunião, ele voltou a insistir e, mais uma vez, não concordei. Então, resolvi pedir demissão do Incra. Eu tinha plena convicção. Sabia que as intervenções ocorridas no Brasil foram um verdadeiro desastre. Isso ocorreu em janeiro de 1975,

Paraná Cooperativo – O senhor chegou a repensar sobre a decisão que tomou?

Wilson Thiesen – Não. Eu já conhecia os reflexos negativos da intervenção. Nenhuma deu certo no Brasil e não daria em parte nenhuma do mundo. Como é que o governo poderia indicar alguém do serviço público para administrar o patrimônio dos associados, sem a participação deles? E eu já tinha um bom entendimento sobre cooperativismo. Foram quase sete anos de atuação na área e vários cursos, inclusive, nos Estados Unidos, na Universidade de Madison, no estado de Wisconsin. Também tinha convivido bastante com o Henry Gerber, técnico do

Usaid (U.S. Agency for International Development) que estava no Brasil para ajudar a organizar o cooperativismo nos três estados do Sul. Ele tinha muita experiência no assunto e sempre repetia algo que até hoje tenho muito vivo na memória. Ele dizia: “olha, o cooperativismo, numa primeira fase, tem que ter o governo como patrão. Mas tem a segunda fase, em que o cooperativismo tem o governo como sócio. E tem a terceira fase. Aí, sim, vamos ser felizes, pois é quando o cooperativismo tem o governo como amigo e, de preferência, um amigo bem distante”. Portanto, eu tinha uma convicção muito forte do que deveria ser feito. E a intervenção não era a melhor solução.

Paraná Cooperativo – Na sua opinião, a tutela do governo prejudicou o desenvolvimento do cooperativismo?

Wilson Thiesen – Sim, mas não foi a principal causa. Na minha visão o que mais prejudicou foi a criação de cooperativas de cima para baixo. Um exemplo são as cooperativas de cafeicultores. Poucas se salvaram e as que conseguiram foi porque se anteciparam e diversificaram a produção, como é o caso da Cocamar e da Cocari, apenas citando um exemplo. A constituição de cooperativas era uma política do IBC (Instituto Brasileiro do Café), ou seja, não tinha

uma necessidade específica vindo da base. As cooperativas de pescadores também eram uma imposição do governo, que tinha como propósito resolver um problema social. Portanto, eram criadas sem a mínima consistência. Os associados sequer sabiam o que era uma cooperativa.

Havia também outra questão e que só tivemos conhecimento por meio da sinopse do cooperativismo que realizamos de 1968 a 1970. Descobrimos que a grande maioria das cooperativas do Paraná tinham sido constituídas em época de eleição. A criação teve, portanto, um objetivo político. Isto desgastou demais o desenvolvimento do cooperativismo. Houve um descrédito muito grande.

Além do que, muitas só existiam no papel. Lembro que numa entrevista para um jornalista, em Londrina, disse que o Incra estava cancelando o registro de mais de 120 cooperativas. No dia seguinte, abro o jornal e me deparo com a manchete de que eu estava liquidando 120 cooperativas. Ele entendeu mal. O Incra não estava li-

“O artigo 5º da Constituição Federal, determinando que o cooperativismo ficaria livre da tutela do governo, foi a carta de alforria, a grande conquista”



“A Marcha sobre Brasília foi o momento em que o agricultor despertou. Teve consciência da força que tem”



quidando, simplesmente, porque elas nunca funcionaram, nunca existiram na prática. Foram criadas, evidentemente, com intenção política, sem qualquer consistência.

Paraná Cooperativo – E o que foi feito para frear esse tipo de ação?

Wilson Thiesen - Acho que foi consequência dos Pidcoops. Já tínhamos o do Projeto Iguazu, então, criamos o que determinamos de “Estudo de Viabilidade” para fundar uma cooperativa. Esse era o objetivo. Evitou que houvesse mais desgaste para o cooperativismo e a constituição de uma centena de cooperativas.

Paraná Cooperativo - Como foi sua entrada na Ocepar?

Wilson Thiesen – Quando saí do Incra, em 1975, fui para a Assocep, a convite do Silvio Galdino. Em seguida, fui convidado pelo então presidente Guntolf van Kaick para ser diretor executivo da Ocepar. Mas fiquei pouco tempo, porque recebi o convite para organizar o departamento de compras da Cocap, a primeira central cooperativista criada após a constituição da Ocepar. Fizemos grandes projetos no departamento de compras, inclusive, importações de sementes do México e dos EUA. Nessa ocasião, fui eleito presidente da Apasem (Associação Paranaense de Produtores de Sementes e Mudas).

Estava bastante satisfeito profissionalmente. Mas aí veio o convite para ser delegado regional do Ministério da Agricultura. A princípio não aceitei, mas tive que rever a decisão a pedido da Cocap. Soube depois que quem me indicou foi o Reinhold Stephanes, na época secretário da agricultura e com quem eu não tinha qualquer relacionamento. Fiquei três anos no Ministério da Agricultura. Neste período, um grupo de cooperativas comprou a Kambi (indústria de leite). Fui, então, convidado para ajudar na criação da Confepar (Confederação das Cooperativas Centrais Agropecuárias do Paraná) e a absorção e incorporação do patrimônio da Kambi pela central. Foi quando estava na Confepar que surgiu a indicação para que eu fosse presidente da Ocepar. Encarei como um grande desafio e uma oportunidade para fazer ainda mais pelo cooperativismo. Foram duas gestões à frente da Ocepar

Paraná Cooperativo – Como avalia o período em que presidiu a organização que representa as cooperativas do Paraná?

Wilson Thiesen – Foi um período de muito trabalho, mas de grande satisfação profissional e pessoal. Participei de momentos

importantes para a história do cooperativismo do Paraná e do Brasil. Destaco, por exemplo, a Constituinte, quando conseguimos nos libertar da tutela do governo. As lideranças da época, como o Roberto Rodrigues, na presidência da OCB, e eu, na presidência da Ocepar, tínhamos uma vivência de mais de 20 anos no cooperativismo. Então, sabíamos o que deveria ser priorizado para o desenvolvimento do setor. E, evidentemente, o fim da tutela era a grande prioridade. O cooperativismo trabalhou com inteligência essa questão. O artigo 5.º da Constituição Federal, determinando que o cooperativismo ficaria livre da tutela do governo, foi a carta de alforria, a grande conquista.

Tivemos também um debate presidencial, organizado pela OCB e pelo Formacoop (Programa de Formação Cooperativa), em Foz de Iguazu. Esse encontro foi importantíssimo porque houve um comprometimento prévio dos candidatos com o cooperativismo e mostrou a força e a organização do setor.

Outro fato marcante foi o Encontro Nacional de Comitês Educativos, realizado em Curitiba, em 1989. Na minha opinião, foi o alicerce para o processo de autogestão

“Manter a fidelidade do associado e preparar novos líderes é um desafio muito maior, no meu entendimento, do que foi no passado”

no Paraná. Nesse mesmo ano, em âmbito nacional, houve a Marcha sobre Brasília, reunindo milhares de agricultores na capital federal. Considero esse fato um divisor de águas no sentido dos agricultores serem mais ouvidos pelo governo e também em relação à integração das entidades que representam o setor produtivo. A Marcha sobre Brasília foi o momento em que o agricultor despertou. Teve consciência da força que tem. Foi também um alerta para a nação da potencialidade e do sistema organizacional da agricultura brasileira.

Na minha segunda gestão, na década de 1990, ocorreu um fato histórico para a triticultura nacional, que foi o fim do monopólio estatal. Na ocasião eu era vice-presidente da OCB e, interinamente, estava na presidência. Não nos posicionamos contra a abertura, mas entregamos um documento com 11 pontos que, na nossa visão precisavam ser adequados. Pontuamos questões sobre cotas de moagem, armazenagem, fixação de preço mínimo, produção de sementes e pesquisa, enfim, tudo que considerávamos importante. Foi criado o Conselho Nacional de Política Agrícola e os 11 pontos que levantamos como prioridades foram atendidos. Isso foi realmente muito importante porque consolidou o processo estruturante e comercial das cooperativas.

Paraná Cooperativo – No passado, os comitês educativos fo-

ram importantes para a formação de novas lideranças. Como o senhor vê o trabalho atual do Sistema Ocepar, voltado às novas lideranças? O Sescoop é uma ferramenta importante para isso?

Wilson Thiesen – Sem sombra de dúvida, o trabalho com os comitês foi fantástico. Tanto que muitos daqueles técnicos e que eram assistentes de cooperativas hoje são presidentes ou diretores, ou seja, temos um número enorme de lideranças que foram, basicamente, preparadas nesses comitês e hoje estão aí, dirigindo o nosso cooperativismo.

Atualmente, acho que temos instrumentos importantes para trabalhar a formação de lideranças. E o Sescoop, com toda certeza, é uma das principais. Está sendo feito um trabalho muito bom. Mas tem que haver continuidade porque a necessidade, talvez, seja muito maior do que foi no passado. Quando começamos a focar a questão da liderança, o cooperativismo não tinha a extensão de hoje, em termos de desenvolvimento. Portanto, manter a fidelidade do associado, preparar líderes que consigam garantir a perenidade do sistema cooperativista dentro do contexto atual, é um desafio muito maior, no meu entendimento, do que foi no passado.

Paraná Cooperativo – Atualmente, discute-se o plano Paraná Cooperativo 100, cuja meta é dobrar o faturamento do setor nos

próximos anos. Qual a importância de fazer um planejamento estratégico com esse objetivo?

Wilson Thiesen – O planejamento é fundamental em todos os setores. Planejar é ter uma visão de futuro. Esse é o caminho. Acho que as lideranças atuais estão agindo de uma maneira extremamente profissional. Mostra entendimento de que ainda não atingimos o auge. Há espaço para crescer mais. É um desafio, realmente, e só pode ser superado com planejamento e profissionalismo.

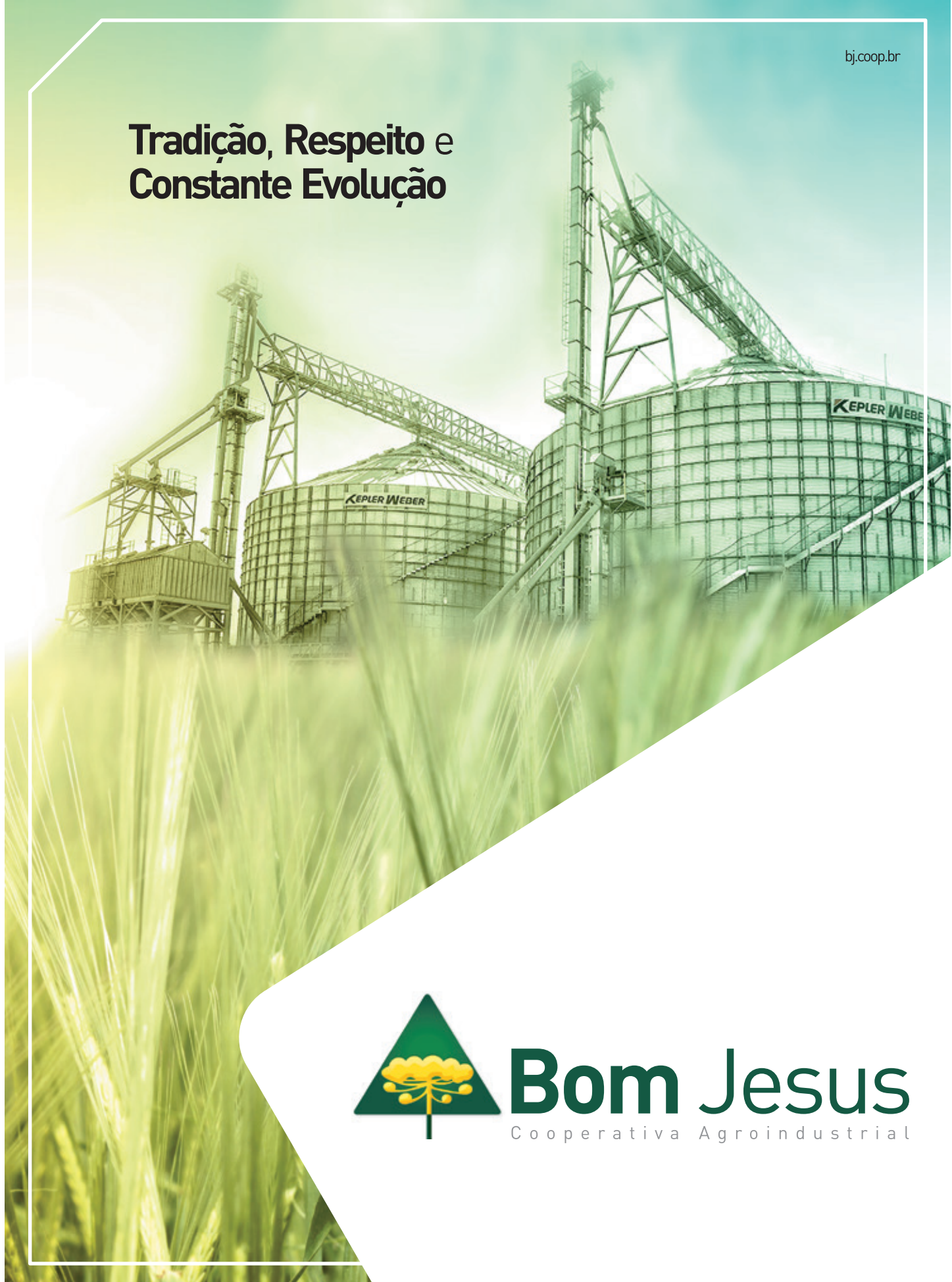
Paraná Cooperativo – Com sua longa vivência em cooperativismo, que mensagem deixa para o futuro do sistema?

Wilson Thiesen – Continuidade. Essa é a mensagem que quero deixar. A educação e, sobretudo, o processo de autogestão precisam ter continuidade. Eu até dou um exemplo, figurado é claro. Pensemos numa escada, com seus muitos degraus. Estamos num degrau, num estágio, mas temos que avançar, mirar no degrau seguinte. E esta escada é infinita. E os desafios que se apresentam para o futuro, são maiores que os de ontem. A autogestão é a mola propulsora do cooperativismo. Esse processo é fundamental para a continuidade sólida e perene do cooperativismo paranaense e brasileiro.

Paraná Cooperativo – Ao olhar para trás, o que sente? O trabalho, a dedicação, valeram a pena?

Wilson Thiesen – Eu sinto muito orgulho, até porque, quem viveu esses últimos 50 anos, vê claramente que existia um Paraná antes do cooperativismo e outro após o cooperativismo. E, por mais que nós fossemos otimistas e tivéssemos uma visão de futuro, jamais poderíamos imaginar que iríamos chegar onde estamos hoje, em apenas meio século. Foi um crescimento rápido e que traz uma responsabilidade muito grande para as lideranças atuais. 🍌

Tradição, Respeito e Constante Evolução



Bom Jesus
Cooperativa Agroindustrial



Prorrogação não é o caminho

Texto: Ricardo Rossi, Silvio Oricolli e Lucia Massae Suzukawa

Aguardar o fim dos atuais contratos de pedágio e fazer nova licitação é a melhor estratégia, defendem líderes cooperativistas

Por decisão unânime da diretoria da Ocepar, a entidade é contra a prorrogação dos contratos de concessão de pedágio vigentes no Paraná. No entendimento dos líderes cooperativistas, o pedágio nas rodovias do estado causa pesados prejuízos ao setor produtivo, travando a competitividade dos produtores e das cooperativas paranaenses. Para os dirigentes da Ocepar, a melhor alternativa é aguardar o fim dos atuais contratos, em novembro de 2021. Depois de encerrados os compromissos com as atuais concessionárias, uma nova licitação poderá ser realizada, atraindo mais empresas interessadas. Com mais

concorrentes e novos parâmetros para serviços e preços, os líderes do cooperativismo acreditam que haverá melhores chances de serem fechados contratos mais favoráveis ao interesse da população. Os valores das tarifas do pedágio no Paraná excedem em muito ao que é praticado em recentes concessões em outras rodovias no país, e o histórico de mudanças contratuais que excluíram a exigência de duplicações de pistas, torna injustificável qualquer tentativa de extensão dos atuais contratos no estado. O tema foi discutido durante a Reunião de Diretoria da Ocepar, realizada na sede da entidade, em Curitiba, no dia 8 de junho.

Os diretores conheceram as conclusões de um estudo realizado pela Ocepar mostrando que, para haver equiparação nos custos de pedágio no Paraná em relação às concessões realizadas em outras rodovias do Brasil, a redução das tarifas deveria ser, em média, de 70%. Além disso, alterações e aditivos contratuais impostos ao Programa de Concessões do Paraná modificaram o curso das obras de duplicações de pistas. A análise técnica da Ocepar conclui que os custos adicionais do pedágio reduzem a competitividade da produção de grãos paranaense, especialmente na cultura da soja, que enfrenta forte competição da Argentina e Estados Unidos. O estudo enfatiza que “a situação atual das rodovias não justifica os impactos negativos que as tarifas de pedágio causam nos custos de produção e transporte no Paraná. Os pedágios e as condições das estradas, geralmente de pista única, prejudicam o tempo de viagem, aumentando consequentemente os custos. Representam também risco contínuo para caminhoneiros e motoristas de carros menores”. No Paraná, em 2014, a arrecadação do pedágio totalizou R\$ 1,84 bilhão, de acordo com a Associação Brasileira de Concessionárias de Rodovias (ABCR).

Segundo o presidente do Sistema Ocepar, João Paulo Koslovski,

a posição da instituição está em sintonia com o entendimento das cooperativas do Paraná, que são contra a prorrogação dos atuais contratos de concessão das rodovias, em vigor desde novembro de 1997 e com vencimento previsto para o final de 2021. “É importante ressaltar que ainda no período de vigência do atual contrato de concessão existem muitos compromissos a serem cumpridos pelas concessionárias, inclusive de duplicações de trechos de pistas. Portanto, é melhor aguardarmos o vencimento da concessão para, dentro de um novo contrato e com novas cláusulas amplamente discutidas com a sociedade e o setor produtivo, estabelecer preços compatíveis com a nova realidade vivenciada no Paraná e no Brasil”, afirma.

Koslovski pondera que o custo elevado do pedágio compromete a competitividade do agronegócio paranaense e reduz a renda no campo, com reflexos para a economia estadual. “Por isso, é preciso reduzir esse valor. E isso é possível, uma vez que, na média nacional das últimas concessões, a tarifa é de R\$ 3,41 para cada 100 km, enquanto no Paraná, no Anel de Integração, chega a R\$ 11,05 para cada 100 km”, enfatiza.

Fiep – De acordo com o presidente da Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep), Edson Campagnolo, a entidade defende o fim dos atuais contratos de con-

cessão das rodovias federais para o Estado do Paraná, que vencem em 2021. “Nós da Fiep consideramos que o modelo atual tem representado um custo muito alto para o setor produtivo. O valor das tarifas dos pedágios no Paraná está muito acima do que é praticado em outros estados. Nós preferimos esperar que esses contratos findem, num primeiro momento, para depois rediscutirmos o assunto”, frisou.

Campagnolo lembrou que não está havendo consenso sobre o tema no G7, grupo formado por sete entidades representativas do setor produtivo e que atualmente ele coordena, mas destacou a importância da transparência na condução dessa questão por parte dos órgãos públicos e das concessionárias. “Algumas entidades acham que se fosse antecipada essa renovação, seriam realizadas obras como terceira faixa, pistas duplas, viadutos, trincheiras e passarelas. Mas não há consenso sobre isso”, afirmou. “Agora, se houver um interesse e talvez um diálogo que leve a ampliar ou antecipar os contratos de concessão, então, o primeiro passo é fazer tudo com transparência. E transparência nunca existiu. Prova é que ninguém sabe direito sobre as obras, se existe passivo jurídico para o Estado. É necessário haver a transparência tão exigida pela população e pelos usuários, porque quem paga essa conta

Foto: Ricardo Rossi/Ocepar

Reunião da diretoria da Ocepar: Por unanimidade, dirigentes defendem que a melhor estratégia é aguardar o fim dos atuais contratos de pedágio e depois fazer nova licitação



são os usuários e o setor produtivo”, acrescentou.

Setcepar – Em entrevista ao jornal Folha de Londrina, o presidente do Sindicato das Empresas de Transportes de Cargas no Estado do Paraná (Setcepar), Gilberto Cantu, disse que o tema pedágio exige cautela, pois entende que após o término do contrato em 2021, as tarifas podem ser negociadas com preços reduzidos. “Inicialmente somos contra essa renovação com as concessionárias atuais”, disse. “Acredito que o ideal é que toda a sociedade participe desta decisão, que ela seja colocada às claras. O que é nítido é que hoje temos um modelo ruim para nós, inclusive devido a uma série de erros do passado. Já aguentamos 15 anos e faltam apenas sete para acabar essa concessão. Por isso, é uma decisão que precisa ser bem avaliada”, afirmou Cantu ao jornal.

Acic – Em reunião no dia 30 de junho, a diretoria da Acic (As-

sociação Comercial e Industrial de Cascavel), por decisão unânime, posicionou-se contra a prorrogação dos contratos de pedágio no Paraná. Segundo informações do portal Central Gazeta de Notícias (CGN), os diretores entendem que o melhor caminho é esperar o vencimento dos atuais contratos para, depois disso, abrir um “amplo e transparente processo de licitação, inclusive com a participação de empresas estrangeiras”. Segundo informou o presidente da Acic, Alci Rotta Júnior, além do preço, outro aspecto considerado pelos diretores foi o adiamento de obras importantes. De acordo com o dirigente, o pedágio foi utilizado como moeda eleitoral e aditivos contratuais desobrigaram as concessionárias de fazer a ampliação da capacidade de tráfego, razão pela qual a duplicação da BR-277, que deveria estar pronta em 2009, ainda está muito longe de ser concluída.

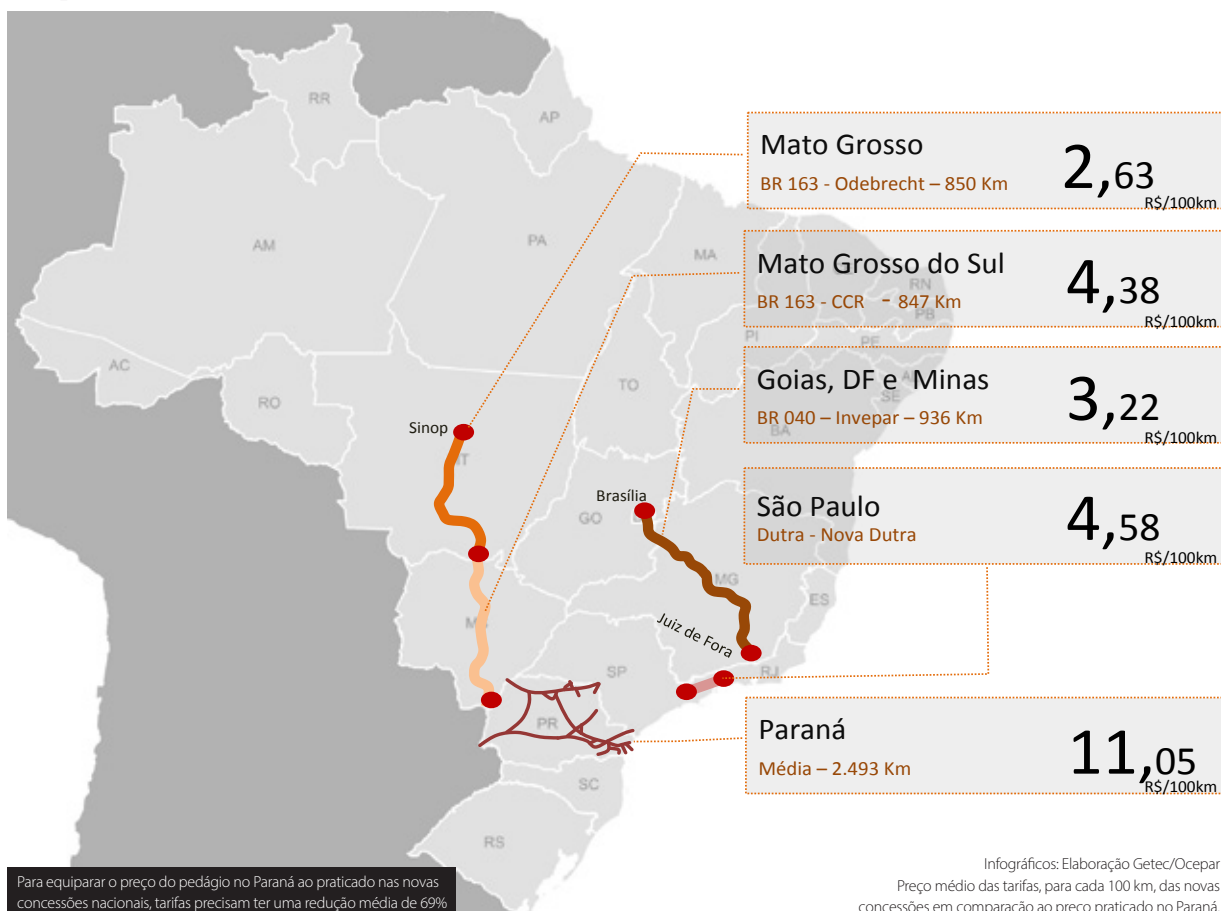
Foto: Arquivo Ocepar



Edson Campagnolo, presidente da Fiep: “Preferimos esperar que os contratos de pedágio findem, para depois rediscutirmos o assunto”

Estudo - A análise técnica da Ocepar considerou o custo do pedágio a cada 100 km. “Tomando-se em conta uma média ponderada,

Comparativo nacional



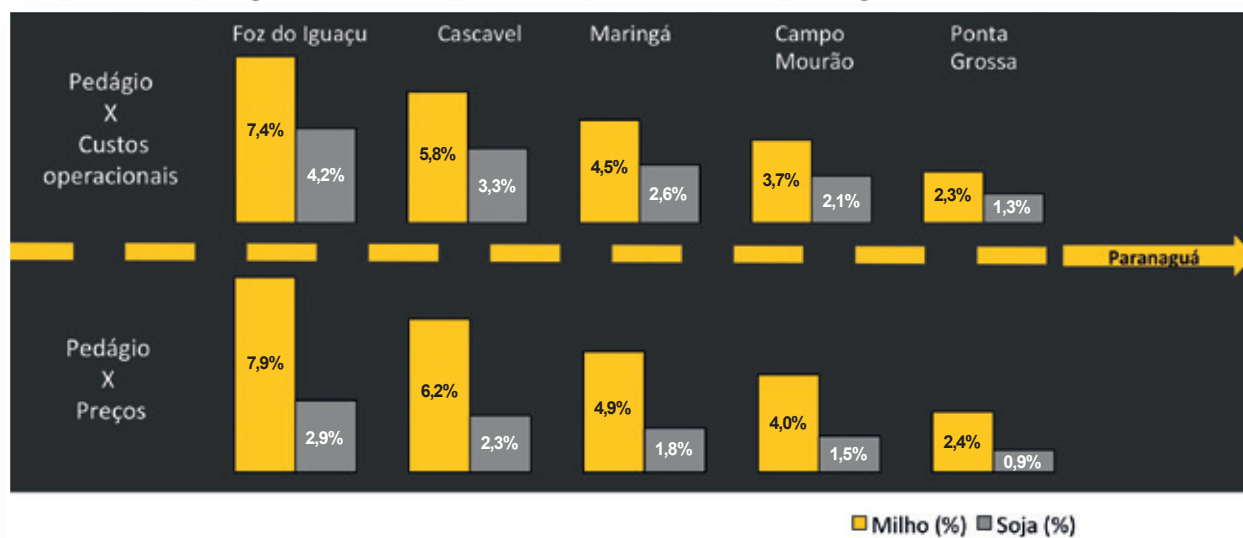
observa-se que as tarifas de pedágio no Paraná custam R\$ 11,05 para cada 100 km percorridos, no caso de automóveis leves. Esse valor é mais do que o dobro dos valores observados nas concessões da rodovia Presidente Dutra, em São Paulo (R\$ 4,58/ 100 km)", compara o gerente técnico e econômico da Ocepar, Flávio Turra.

Novos trechos concessionados no Brasil demonstram que as

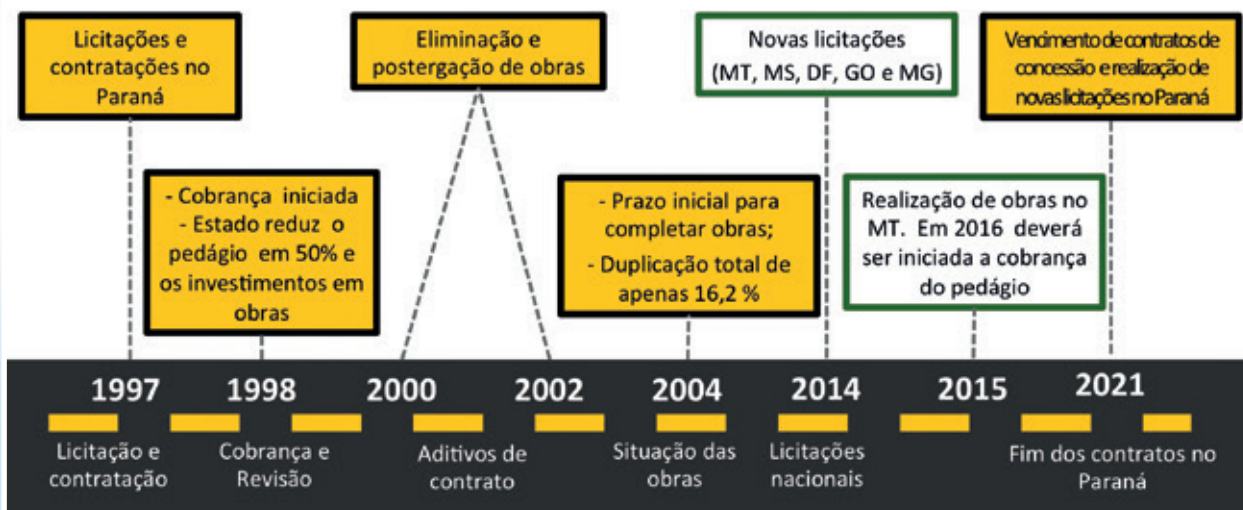
tarifas de pedágio podem ser muito menores do que as atualmente praticadas no Estado do Paraná. Por exemplo, na BR 163 no Mato Grosso do Sul, as empresas de concessão irão operar com uma tarifa de pedágio na ordem de R\$ 4,38 por 100 km de rodovia, para automóveis. No Mato Grosso, o valor é ainda menor, chegando a R\$ 2,63/100 km. "É importante lembrar que nos novos trechos no Mato Grosso, o

pedágio deve ser implantado depois da realização de obras. Assim, na BR 163, os usuários somente pagarão pedágio depois que pelo menos 10% das duplicações estiverem realizadas, e as obras devem estar prontas até o 5º ano da concessão. O edital prevê que a concessionária terá de investir R\$ 6 bilhões ao longo de 30 anos, sendo R\$ 3,5 bilhões nos primeiros cinco anos", ressalta Turra.

Comparativo do pedágio com custos de produção e preços recebidos pelos agricultores



Linha do tempo



Preço do pedágio no Paraná prejudica a competitividade do setor produtivo. No caso do milho produzido na região de Foz do Iguaçu, o custo do pedágio até o Porto de Paranaguá equivale a 35,73 sacas do produto

Foto: Arquivo Ocepar

Coamo pagará mais de R\$ 50 milhões em 2015

Em 2014, a cooperativa Coamo pagou, em tarifas de pedágio nas rodovias paranaenses, R\$ 47,6 milhões. A estimativa é que essa despesa, em 2015, ultrapasse os R\$ 50 milhões. “É um custo muito elevado e que recai sobre o agricultor, prejudicando a nossa competitividade”, afirma o presidente José Aroldo Gallassini. “Mais do que outros setores da economia, a agricultura sofre forte penalização do preço dos pedágios”, enfatiza. De acordo com o estudo da Ocepar, o valor do pedágio onera o trans-

porte de grãos em todas as regiões do Paraná. Em alguns casos, as despesas com as tarifas representam 36,67% do custo do transporte, como é o caso de cargas vindas de Foz do Iguaçu para o Porto de Paranaguá, no qual um caminhão com cinco eixos e que transporta 27 toneladas de produtos, paga R\$ 750,40 em pedágios. No caso de Campo Mourão, município onde se localiza a sede da Coamo, no Centro-Oeste do Paraná, o custo do pedágio até o porto é de R\$ 373,60, o equivalente a 23,52% do

preço do frete. Mesmo no caso do município de Ponta Grossa, mais próxima ao porto, o custo corresponde a 25,90% do frete, ou R\$ 231,20.

“O pedágio representa o equivalente a 7,9% dos preços do milho cultivado na região de Foz de Iguaçu. No caso da soja, esse índice é de 2,9%”, afirma Flávio Turra. “Por encarecer o transporte da produção de forma significativa, os preços cobrados pelo pedágio são responsáveis por uma redução de renda do produtor rural”, ressalta.

Comparativo entre preço do pedágio e preço do frete

TRECHO	PEDÁGIO TOTAL / VIAGEM (R\$)*	PEDÁGIO / TONELADA (R\$/T)	CUSTO DO FRETE (R\$)**	PROPORÇÃO - PEDÁGIO/FRETE (%)
Foz do Iguaçu/Paranaguá	750,40	27,79	75,79	36,67%
Cascavel/Paranaguá	589,60	21,84	66,84	32,67%
Maringá/Paranaguá	462,40	17,13	62,13	27,57%
Campo Mourão/Paranaguá	373,60	13,84	58,84	23,52%
Ponta Grossa/Paranaguá	231,20	8,56	33,06	25,90%

* Considerou-se que 60% dos caminhões retornam ao interior sem carga e conseqüentemente 40% voltam ao interior com frete de retorno, de acordo com levantamentos realizados com operadores de transporte das regiões Sudoeste, Oeste e Noroeste do Estado;

** Preço do frete sem o pedágio;

A opinião dos dirigentes

Foto: Pedro Crusiol/Assessoria Integrada



“Diante do alto custo do pedágio, que onera muito a produção agropecuária, reduzindo a margem de ganho do produtor, e da falta de melhorias, a começar pelas duplicações que não foram feitas, o correto é exigir o cumprimento dos atuais contratos até os seus vencimentos. Depois disso, fazer novas licitações, deixando bem claro as

melhorias e o prazo para a sua execução, além do valor justo da tarifa para não penalizar o usuário, especialmente o produtor rural. Hoje, por exemplo, para um carro circular na região próxima de Londrina, gasta-se mais em pedágio do que em combustível, uma vez que a tarifa na praça de Jataizinho é de R\$ 16,00.”

Jorge Hashimoto | Presidente da Integrada Cooperativa Agroindustrial

“Em vez de se tratar da prorrogação dos atuais contratos, com o que absolutamente não concordo, é preciso que se explique o motivo de a tarifa média por 100 quilômetros no Paraná ser 198% maior que a média dos valores dos demais estados brasileiros, enquanto sofremos com a maioria das estradas sem duplicação. Por isso, o pedágio é uma das coisas mais absurdas que conheço em termos de concessão pública. É preciso abrir nova licitação antes mesmo do vencimento dos

atuais contratos, para que tenhamos as mesmas condições dos demais estados, afinal, por causa de logística rodoviária, cujo custo mais violento é o do pedágio, os nossos produtos estão perdendo competitividade no mercado interno e no exterior. Particularmente, estou preocupado em deixar um legado de oportunidades econômicas e sociais em nosso estado para os nossos netos e bisnetos. Por isso, a necessidade de refletir com responsabilidade sobre a questão do pedágio.”

Dilvo Grolli | Presidente da Coopavel Cooperativa Agroindustrial



Foto: Arquivo Ocepar

“Entendo que a solução adequada para a questão do pedágio no Paraná é aguardar que os atuais contratos expirem, em 2021, para então iniciar novas negociações, com parâmetros mais justos para serviços e preços. Endossamos a posição das cooperativas paranaenses e do Sistema Ocepar contrária à prorrogação das atuais concessões, porque o setor produtivo,

em especial os agricultores, já foram penalizados com muitos prejuízos devido ao alto custo das tarifas no estado. Não adianta agora tentar resolver algo que sempre gerou problemas e prejuízos. A melhor saída é esperar 2021 e então negociar novos contratos de pedágio com transparência e responsabilidade com o interesse da população paranaense.”

Renato Greidanus | presidente da Batavo Cooperativa Agroindustrial

Foto: Ricardo Rossi/Ocepar



“ Sou contra a prorrogação do contrato das concessionárias de pedágio no Paraná de qualquer forma. O preço na concessão paranaense é muito elevado em comparação ao praticado em outras rodovias no país. O setor produtivo é muito prejudicado, pois mais de 80% da produção agrícola é escoada por pistas simples, ou seja, a eficiência obtida no campo, como redução

de custos e ganho de produtividade, da porteira para fora é comprometida ao esbarrar com as deficiências de infraestrutura. Concordo que tem de haver novas licitações para a concessão das rodovias, mas com a participação de empresas internacionais, seguindo o modelo de parceria público privada, com o estabelecimento de tarifas mais justas para os usuários. ”

Luiz Roberto Baggio | Presidente da Cooperativa Agroindustrial Bom Jesus



Foto: Ricardo Rossi/Ocepar

“ O pedágio é um sócio indesejado, pois, além da maior parte das estradas não ser duplicada, o que seria a contrapartida, a tarifa é muito alta em relação à de outras concessões no país. Estudos mostram que o impacto no custo do calcário transportado da região de Curitiba até Medianeira, é de 30%, onerando muito a produção primária, que tem lucratividade em torno de 5% ao ano. No primeiro semestre deste ano, por exemplo, somando as operações – granel, contêineres e fertili-

zantes – já pagamos R\$ 3,6 milhões em pedágio. E o maior prejudicado é o agricultor, que receberá menos pela produção, pois esse custo não pode ser repassado ao mercado. Por isso, em hipótese alguma, os atuais contratos devem ser prorrogados. Temos de suportar os seus altos custos até o final, mas exigindo o cumprimento das contrapartidas das empresas. Depois disso, temos de fazer novas concessões, com custos menores e serviços melhores para os usuários. ”

Irineo Rodrigues | Presidente da Cooperativa Agroindustrial Lar



Foto: Assessoria Lar

“ Penso que o melhor a fazer quanto aos pedágios no Paraná é aguardar o fim dos atuais contratos. Sou favorável a que se faça nova licitação em 2021, para que tenhamos tarifas mais justas e que não onerem o setor produtivo da forma que vem acontecendo nos últimos 15 anos. Somente em 2014, a Coamo teve um custo de R\$ 47,6 milhões com pagamentos de pedágio em rodovias do Pa-

raná. A estimativa para 2015 é que as despesas com tarifas ultrapassem os R\$ 50 milhões. É um custo muito elevado e que recai sobre o agricultor, prejudicando nossa competitividade. O setor agrícola tem um volume alto de fretes no transporte de seus produtos e é mais penalizado do que outros segmentos da economia. Não há razões para renegociar os atuais contratos. ”

José Aroldo Gallassini | Presidente da Coamo



Foto: Assessoria Coamo

LINHA GOURMET C.VALE

Práticos e deliciosos,
como sua vida deve ser.



Cooperar é transformar realidades

Associados de diferentes ramos relatam suas experiências e os benefícios que a cooperação traz aos negócios e à vida

Texto: Ricardo Rossi

O Dia Internacional do Cooperativismo, celebrado em 4 de julho, traz reflexões sobre o alcance da doutrina cooperativista. Qual a importância de uma cooperativa para a viabilidade e o crescimento dos negócios de seus cooperados? O trabalho por meio da cooperação pode fazer a diferença para o desenvolvimento dos negócios? A reportagem da Revista

Paraná Cooperativo foi em busca de respostas.

Lapa - Em Passo Dois, distrito do município da Lapa, a 70 km de Curitiba, o casal Kossovski relembra sua história de vida e trabalho no campo. "No começo foi muito difícil, logo depois que casamos não tínhamos nem onde morar. A gente não tinha quase nada, só uma pia, um fogão e um armário. Tudo que a gente

plantava era complicado para vender. Moramos por cinco anos num paiol", recorda Ely. "A gente produzia numa área de 5 alqueires, cultivando frutas, batata e feijão. A maior parte do trabalho era braçal, inclusive a colheita do feijão e da batata. Mas, felizmente, nossa jornada tem sido muito boa", afirma Antonio. Hoje, o casal trabalha em parceria com o filho e o genro, produzindo principal-



Ely, Giovanni e Antonio Kossovski: suporte da cooperativa Bom Jesus foi essencial para a atualização tecnológica e o aumento da produtividade nas lavouras da família

Foto: Ricardo Rossi/Ocepar



Foto: Alexandre Fumagalli/Sicoob

O empresário Leandro Ferreira de Souza, proprietário da Alumínios Santa Tereza: Sicoob foi aliado na realização de seu projeto de empreendedorismo

mente soja e trigo em 150 alqueires, entre áreas próprias e arrendadas. “O trabalho de assistência técnica que a Cooperativa Bom Jesus realiza foi essencial para o aumento da produtividade de nossas lavouras”, prossegue. Cooperado há mais de 20 anos, o agricultor relata que as conversas com o técnico da cooperativa são constantes, com o apoio e suporte desde a adubação até a escolha e regulagem de equipamentos agrícolas. “Além da assistência técnica e informações sobre tecnologia, a cooperativa é flexível nas negociações para a compra de insumos, pois conhece nossa história e o trabalho que fazemos”, diz Antonio.

O agricultor ainda se impressiona quando pensa sobre as transformações tecnológicas que mudaram rapidamente a realidade no campo. “Tudo acontece muito rápido. Ter o suporte da cooperativa é muito importante para acompanhar as inovações de tecnologia. É preciso manter-se atualizado e a Bom Jesus sempre esteve de portas abertas para minha família. São muitos anos de parceria, é um negócio bom para ambos que está dando certo”, afirma.

Antonio anima-se quando fala do futuro. “Se meus netos quiserem trabalhar na agricultura poderão ficar aqui e ter uma atividade viável”, enfatiza. O filho Giovani, 26 anos, também cooperado da Bom Jesus, concorda.

“Na agricultura, você é o dono do seu próprio negócio. Nenhuma firma te dá ordens. O pai me levou para o cooperativismo e a verdade é que estamos crescendo junto com a cooperativa. As multinacionais judiam demais dos agricultores, por isso é importante ter a segurança de uma cooperativa ao seu lado”, conclui.

Sarandi - No Noroeste do Paraná, em Sarandi, o empresário Leandro Ferreira de Souza, 36 anos, relata sua história de empreendedorismo. “Trabalhava como funcionário numa empresa de fundição, mas há tempos tinha o sonho de montar o meu próprio negócio. Em 2007, decidi que havia chegado o momento”, lembra. Ele fundou a Alumínios Santa Tereza, e passou a produzir artigos de cozinha e utensílios como frigideiras e caçarolas. “Foi então que, por indicação de um amigo, conheci a cooperativa de crédito Sicoob. Não

sabia nada sobre o cooperativismo, mas a facilidade em resolver problemas, a agilidade e qualidade do atendimento me tornaram um cooperado”, explica.

Tempos depois, estar numa cooperativa fez a diferença nos negócios do associado. “Obtive um financiamento do Sicoob com boas condições para adquirir uma máquina de torno, investimento fundamental para a ampliação da produção da empresa”, resalta. A Alumínios Santa Tereza contratou novos funcionários, atualmente são cerca de 20 colaboradores, e avançou para conquistar novos mercados. “A cooperativa é uma aliada da empresa e contribui para que consigamos nos adaptar às idas e vindas do mercado. Além disso, sou dono da cooperativa, não pago tantas taxas quanto nos bancos convencionais e ainda recebo parte das sobras do exercício a cada ano”, enfatiza.

Curitiba - O médico Nassif Filho, em rápido intervalo antes de iniciar uma cirurgia, nos conta sua trajetória no cooperativismo de crédito. “Em 2009, precisei fazer um empréstimo e amigos me recomendaram que procurasse a cooperativa Uniprime. Tornei-me cooperado e a cada ano fui confiando mais na qua-

PRINCÍPIOS DO COOPERATIVISMO

- 1º Adesão voluntária e livre
- 2º Gestão democrática
- 3º Participação econômica dos membros
- 4º Autonomia e independência
- 5º Educação, formação e informação
- 6º Intercooperação
- 7º Interesse pela comunidade



O médico Nassif Filho: Uniprime confere confiabilidade, segurança e condições diferenciadas às operações financeiras de seus cooperados

lidade dos serviços, na transparência e segurança da instituição. Hoje, faço a maior parte de minha movimentação financeira pela cooperativa e a indiquei a familiares, meu pai é agora cooperado, e também para amigos e colegas da medicina”, afirma.

De acordo com o médico, a Uniprime oferece aplicações atrativas e condições diferenciadas de financiamento, pois conhecem com detalhes seu perfil. “O atendimento é excelente, as pessoas te conhecem e te chamam pelo nome, com serviços condizentes aos ofertados pelos bancos convencionais, mas sem as taxas que esses cobram dos correntistas. E o cooperado ainda recebe anualmente sua parte nas sobras das operações da cooperativa. Tenho um amigo que se tornou cooperado e, quando recebeu o cheque com a sua parte das sobras, tirou

uma cópia para mostrar à esposa, pois ficou impressionado com esse diferencial do cooperativismo”, lembra.

Segundo Nassif Filho, o cooperativismo de crédito é um modelo de negócios consolidado, “com uma estrutura extremamente saudável do ponto de vista das finanças e qualidade de serviços. Qual banco repassa participação de lucros aos seus correntistas? Ao contrário, os bancos convencionais faturam bilhões em taxas que cobram e nunca oferecem nada aos correntistas. Na cooperativa é diferente, ela existe para auxiliar seus cooperados e todo mundo sai ganhando. A ideia é repartir o bolo e vale muito a pena participar e ser dono numa cooperativa”, conclui.

Uma história de cooperação

Desde os primórdios da humanidade, o ser humano compreendeu que alcança melhores resultados trabalhando em cooperação. Para garantir sua subsistência, o homem pré-histórico

passou a caçar em grupo, superando coletivamente sua desvantagem física frente aos animais selvagens. Ao longo da história, várias formas de trabalho cooperativo se desenvolveram, em comunidades de pescadores e agricultores ou nas corporações de ofício da Idade Média, que organizavam profissionais de um mesmo ramo para que tivessem melhores condições de negociação. Mas é no século 19, em meio às transformações do capitalismo e da revolução industrial, que a cooperação desenvolve-se como doutrina, posicionando-se como uma alternativa econômica e social viável, com princípios e valores que marcam o nascimento do cooperativismo moderno.

Num contexto de inquietação social, consequência direta da miséria e da exploração dos trabalhadores, à mercê de jornadas estafantes de até 17 horas por dia e baixos salários, expondo inclusive mulheres grávidas e crianças a condições degradantes de trabalho, o cooperativismo surge como uma possibilidade real de mudança, equidade e justiça social. Naquele período em que se buscavam alternativas frente às distorções do capitalismo, pensadores do chama-

COOPERATIVISMO NO MUNDO

2,6 milhões de cooperativas

1 bilhão de cooperados

250 milhões de empregos gerados

Fonte: ACI

do socialismo utópico como Robert Owen e William King escrevem as bases teóricas do que viria a ser o movimento cooperativista. Ao contrário dos socialistas científicos e das teorias de Karl Marx, os pensadores do cooperativismo defendem que a solução não está na supressão da propriedade privada, mas sim na transformação da propriedade por intermédio da cooperação.

Como explica o professor Sigismundo Bialoskorski Neto, em seu livro "Economia e gestão de organizações cooperativas", teóricos como King e Owen "propõem uma modificação do sistema econômico por meio da cooperação e, especificamente, dos empreendimentos cooperativistas, sejam de produção, consumo ou crédito". Ainda segundo o professor, "os socialistas utópicos negam a tese do materialismo histórico, a obrigatoriedade de par-

ticipação, a propriedade coletiva e comunitária pela força, e os métodos violentos de cisão social com o objetivo de busca de uma sociedade mais justa".

Em 1844, é fundada a cooperativa da Sociedade dos Justos Pioneiros de Rochdale, na Inglaterra, fato considerado o início do movimento cooperativista mundial. O estatuto da cooperativa estabelece como princípios a democracia, a adesão livre e voluntária, a neutralidade política e religiosa, o fomento à educação e o retorno das sobras das operações, que seguem norteando o cooperativismo na atualidade. Em

COOPERATIVISMO NO BRASIL

27 unidades estaduais
11,6 milhões de cooperados
6.827 cooperativas
339 mil empregos
US\$ 6 bilhões em exportações

Fonte: OCB

1895, surge a Aliança Cooperativa Internacional (ACI), para unificar o movimento e disseminar em todo o mundo os ideais da cooperação, com base em seus princípios e valores. 🌱

COOPERATIVISMO NO PARANÁ

RAMO	QTDE	ASSOCIADOS	FUNCIONÁRIOS
Agropecuário	74	139.663	67.035
Consumo	1	2.298	21
Crédito	58	908.380	6.698
Educacional	13	482	121
Habitacional	1	98	16
Infraestrutura	9	9.429	256
Saúde	33	14.117	4.853
Trabalho	7	1.780	47
Transporte	25	3.005	188
Turismo e Lazer	2	485	6
TOTAL	223	1.079.737	79.241

Fonte: Ocepar 2014. (R\$ Milhões)
 * Não Disponível

Ministra detalha medidas na Ocepar

Além de falar sobre o Plano Agrícola, Kátia Abreu fez anúncios importantes, atendendo a demandas apresentadas pelo setor produtivo

Foto: Ricardo Rossi/Ocepar



Encontro teve a presença de autoridades, como o governador Beto Richa, parlamentares e lideranças do cooperativismo e do agronegócio

Após realizar o anúncio oficial do Plano Agrícola e Pecuário (PAP) 2015/16, no dia 2 de junho, a ministra da Agricultura, Kátia Abreu, passou a se reunir com lideranças do agronegócio em diversos estados brasileiros para detalhar as medidas. No Paraná, o encontro aconteceu na sede do Sistema Ocepar, em Curitiba, no dia 23 de junho, com a presença de autoridades, como o governador Beto Richa, lideranças do cooperativismo e do agronegócio e representantes de diversas entidades.

Na oportunidade, a ministra declarou que o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) vai disponibilizar R\$ 60 milhões para a subvenção do seguro do milho safrinha, em resposta à preocupação colocada pelo presidente do Sistema Ocepar, João Paulo Koslovski. De acordo com o dirigente cooperativista, devido à pendência em relação a esse valor, os produtores paranaenses de milho

estavam começando a ser cobrados pelos agentes financeiros para pagar a parte que cabe ao governo repassar às seguradoras.

Kátia Abreu explicou que o Mapa pretende solucionar todas as questões relacionadas ao seguro rural que estavam dificultando o repasse dos recursos. "Nós tínhamos que empenhar R\$ 300 milhões do ano passado, que havia ficado para trás. Agora é que conseguimos autorização para empenhar esse montante e vamos começar a operar o presente. Vamos lutar muito para organizar o seguro este ano e começarmos ano que vem com tudo empenhado e pago, para que o seguro adquira cada vez mais credibilidade", declarou.

Ela afirmou também que o Ministério está se esforçando para que os recursos anunciados no PAP 2015/16 cheguem o mais rápido possível às mãos dos agricultores, que haverá apoio à comercialização quando for

necessário e destacou a defesa sanitária como uma das grandes prioridades do Mapa, junto com o seguro rural.

De acordo com a ministra, a expectativa é de que em 2016 a OIE (Organização Internacional de Epizootias) declare o Brasil como país 100% livre da febre aftosa. "Depois dessa etapa, nós queremos chegar entre 2020 e 2025 livres da aftosa sem vacinação", disse Kátia. Ela também reconheceu o empenho dos paranaenses em obter o reconhecimento de área livre de febre aftosa sem vacinação e disse que o Paraná deve obter a certificação internacional de área livre da peste suína clássica no ano que vem. "Estou me empenhando pessoalmente para que os paranaenses consigam este *status*, para que possamos aumentar ainda mais as nossas exportações e melhorar a performance aqui no Estado", acrescentou.

Avaliação positiva - "A vinda da ministra ao estado foi muito positiva porque demonstra reconhecimento por parte do governo federal sobre a importância do cooperativismo para a economia nacional. Além disso, ela respondeu aos principais questionamentos do setor produtivo em relação ao Plano Agrícola e Pecuário 2015/2016", avaliou João Paulo Koslovski.

Além de receber a ministra, a Ocepar também contou com a presença do secretário de política agrícola do Mapa, André Nassar, no Fórum de Mercado e Financeiro, realizado pela entidade no dia 12 de junho. Ele tratou sobre vários pontos que compõem o Plano Agrícola desta safra e esclareceu as dúvidas dos participantes do evento.

Safra terá R\$ 187,7 bilhões

Valor disponibilizado pelo governo para a agricultura empresarial é 20% superior ao da safra passada. Por outro lado, as taxas dos financiamentos também foram elevadas

O governo federal vai disponibilizar R\$ 187,7 bilhões para a agricultura comercial na safra 2015/16, dos quais R\$ 149,5 bilhões para operações de custeio e comercialização. O valor total de recursos é 20% superior ao da safra passada. Houve ainda aumento das taxas de juros, que antes variavam de 4% a 7,5% ao ano, e agora estão entre 7,5% e 10,5% ao ano, dependendo do programa. As linhas de investimento tiveram 13% de redução em relação à safra 2014/15, ou seja, R\$ 38,2 bilhões.

Quanto ao Prodecoop (Programa de Desenvolvimento Cooperativo para Agregação de Valor à Produção Agropecuária), o governo está ofertando R\$ 1,6 bilhão, a juros de 8,75% ao ano, com prazo de pagamento de até 12 anos, com três de carência.

Para o Procap-Agro (Programa de Capitalização das Cooperativas Agropecuárias) foram disponibilizados R\$ 1,99 bilhão, dos quais R\$ 340 milhões destinados à modalidade integralização de cotas partes, com limite de crédito de R\$ 50 milhões, a juros de 7,5% ao ano. Outros R\$ 1,65 bilhão são para capital de giro, com limite de crédito de R\$ 60 milhões, juros de 8,75% por ano, para financiamentos até R\$ 20 milhões, e de 10,5% ao ano, para financiamentos entre R\$ 20 e R\$ 60 milhões.

Também de grande interesse para as cooperativas, o Programa de Construção e Ampliação de Armazéns (PCA) terá R\$ 2 bilhões de recursos, com juros de 7,5% ao ano e prazo de reembolso de até 15 anos, com até três de carência.

Os limites de custeio ao amparo de recursos controlados para cada tomador em cada safra e em todo o Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR) passou de R\$ 1,1 milhão para R\$ 1,2 milhão, representando um aumento de 9%. Já o limite para comerciali-

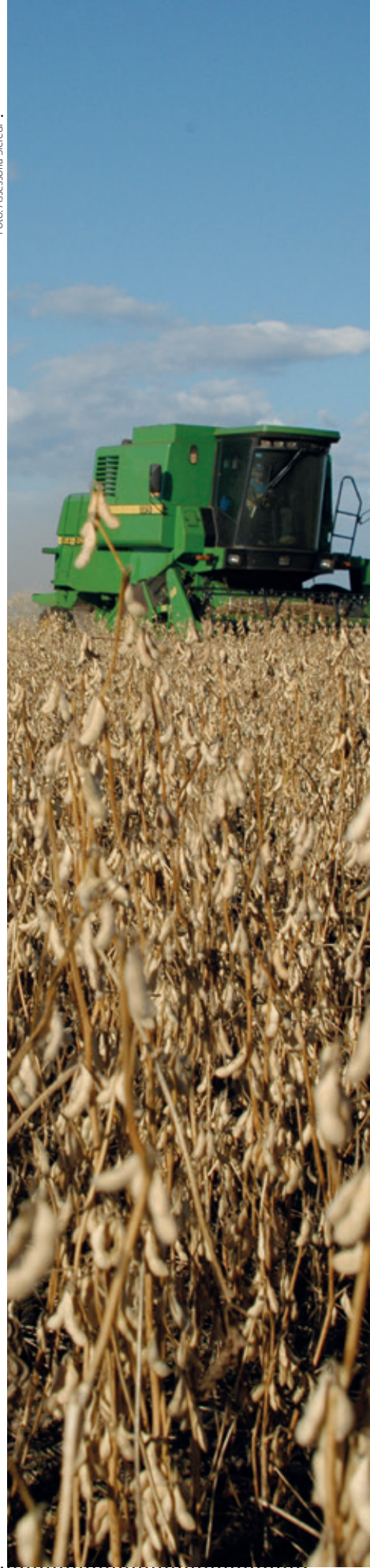
zação saiu de R\$ 2,2 milhões para R\$ 2,4 milhões. O montante de recursos para comercialização e formação de estoques foi fixado em R\$ 5 bilhões.

Logo após o anúncio do PAP 2015/16, o Sistema Ocepar fez uma avaliação geral das medidas e indicou como pontos positivos os aumentos do volume total de recursos em 20%, dos limites de crédito para custeio agrícola e para comercialização agrícola e, ainda, do montante destinado aos médios produtores, para R\$ 18,9 bilhões, ou seja, 17% a mais que no ciclo anterior. Para a entidade, também foi importante o anúncio de um planejamento estratégico para o setor agropecuário, por meio da criação da Lei Plurianual de Produção Agrícola Brasileira.

Por outro lado, o setor demonstrou preocupação em relação ao aumento geral nas taxas de juros para custeio, comercialização e investimentos, em média de 35%. Ao apontar ainda os itens do plano que merecem adequação, a Ocepar destacou a redução do montante de recursos para investimentos em 13%; a redução dos recursos e aumento das taxas de juros do PCA e a postergação na divulgação dos preços mínimos de garantia.

Agricultura familiar – Já o Plano Safra da Agricultura Familiar, anunciado dia 22 de junho, terá R\$ 28,9 bilhões, também 20% a mais que no ciclo anterior. Desse total, R\$ 26 bilhões virão do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), com juros de 0,5% a 5,5% ao ano, para agricultores de baixa renda. Para os pequenos produtores do Semiárido, as taxas vão variar de 0,5% a 4,5% ao ano. Os demais recursos, R\$ 2,9 bilhões, terão juros de 7,75% ao ano (custeio) e 7,5% ao ano (investimentos). 🌾

Foto: Assessoria Sicred



PAP 2015/16

PROGRAMAS DE CUSTEIO

PROGRAMA	RECURSOS PROGRAMADOS	LIMITE DE CRÉDITO/ BENEFICIÁRIO	PRAZO MÁXIMO	TAXA DE JUROS
Pronamp	R\$ 13,6 bilhões	R\$ 710 mil	2 anos	7,75 %
Estocagem de álcool	R\$ 2 bilhões	Não tem	270 dias	TJLP + 2,2%
Demais produtores	R\$ 80,9 bilhões	R\$ 1,2 milhão	2 anos	8,75%
TOTAL	R\$ 96,5 BILHÕES	-	-	-

PROGRAMAS DE INVESTIMENTO

PROGRAMA	RECURSOS PROGRAMADOS	LIMITE DE CRÉDITO	PRAZO MÁXIMO	CARÊNCIA	TAXA DE JUROS
Pronamp	R\$ 5,29 bilhões	R\$ 385 mil	12 anos	2 anos	7,5%
ABC (Pronamp)	R\$ 3 bilhões	R\$ 2 milhões ⁽¹⁾	15 anos	3 anos	7,5%
ABC (Demais produtores)					8%
Proca-Agro (Integralização de Cotas Partes)	R\$ 340 milhões	R\$ 50 milhões	6 anos	2 anos	7,5%
Proca-Agro (Capital de Giro)	R\$ 1,65 bilhão	R\$ 60 milhões	2 anos	0,5 ano	8,75% ⁽¹⁾ 10,5% ⁽²⁾
Prodecoop	R\$ 1,6 bilhão	R\$ 100 milhões	12 anos	3 anos	8,75%
PCA	R\$ 2 bilhões	Não tem	15 anos	3 anos	7,5%
Moderfrota/ PSI	R\$ 10 bilhões	Não tem	8 anos	2 anos	7% - 7,5% ⁽³⁾
Rural					9% - 9,5% ⁽⁴⁾
PSI	R\$ 400 milhões	Não tem	15 anos	3 anos	9% ⁽³⁾
Cerealistas					10% ⁽⁴⁾
Inovagro	R\$ 1,4 bilhão	R\$ 1 milhão	10 anos	3 anos	7,5%
Moderagro	R\$ 400 milhões	R\$ 800 mil ⁽⁵⁾	10 anos	3 anos	8,75%
Moderinfra	R\$ 290 milhões	R\$ 2 milhões ⁽⁶⁾	12 anos	3 anos	8,75% ⁽⁷⁾
Agricultura irrigada	R\$ 1,5 bilhão	Não tem	6 anos	1,5 ano	TJLP + 2,7%
ProRenova					Rural e Industrial

Fonte: SPA/Mapa, Elaboração: Ocepar/Getec Junho de 2015

(1) Para financiamentos de até R\$ 20 milhões;

(2) Para financiamentos entre R\$ 20 e 60 milhões;

(3) Para tomadores com renda bruta de até R\$ 90 milhões

(4) Para tomadores com renda bruta de acima de R\$ 90 milhões;

(5) Limite para crédito coletivo: R\$ 2,4 milhões;

(6) Limite de crédito coletivo: R\$ 6,0 milhões a.a.;

(7) Para agricultores do Pronamp o juro é 7,5% a.a.

Tendências da economia

O ex-presidente do Banco Central e diretor do BTG Pactual, Pêrsio Arida, fez uma análise das medidas de ajuste fiscal tomadas pelo governo federal para retomar o crescimento do país

Fotos: Ricardo Rossi/Ocepar



Em conversa com cooperativistas, no auditório do Sistema Ocepar, Pêrsio Arida (à esquerda) e André Esteves comentaram sobre o cenário interno, ajuste fiscal e o mercado de *commodities*

Discutir as tendências das economias mundial e brasileira e a política agrícola para a safra 2015/16. Foi com esse propósito que o Sistema Ocepar promoveu, no dia 11 de junho, o Fórum de Mercado e Financeiro. O primeiro tema foi tratado por Pêrsio Arida, um dos idealizadores do Plano Real, ex-presidente do Banco Central e diretor do Banco BTG Pactual, e pelo presidente do Banco BTG Pactual, André Esteves. Já o secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, André Nassar, falou sobre o Plano Agrícola e Pecuário para a safra 2015/16 e as políticas públicas de apoio às cooperativas e produtores. Realizado no auditório da organização, em Curitiba (PR), o evento reuniu cerca de 120 participantes, entre profissionais das cooperativas paranaenses e representantes de entidades parceiras como a Secretaria de Agricultura e instituições financeiras.

Na avaliação do economista Pêrsio Arida, o governo federal está fazendo o que é necessário para retomar o crescimento do país. "O Brasil nunca fez um ajuste fiscal positivo desta magnitude. O ministro da Fazenda falou que a meta do superávit primário deve chegar neste ano a 1,2% do PIB. Talvez não alcancemos esse índice, mas a direção é correta", afirmou. Por outro lado, ele entende que muitas das medidas são necessárias. "O que o governo está fazendo é o que tem que ser feito. É uma pena que isso represente duas vezes mais impostos", acrescentou.

Para ele, é necessário que as medidas de ajuste fiscal sejam sustentáveis politicamente. "Se for sustentável, é mais provável que a economia brasileira apresente crescimento e os atuais índices de inflação melhorem", frisou.

BTG - Após a apresentação de Pêrsio Arida, o presidente do

BTG Pactual, André Esteves, falou sobre o banco e também fez comentários sobre o cenário econômico brasileiro e o mercado de commodities. De acordo com ele, o BTG Pactual é o maior banco de investimentos do Brasil e o maior fora dos Estados Unidos. "A ideia é ter presença e liderança também em toda a América Latina", ressaltou. Atualmente, o BTG conta com 400 pessoas no Chile, 300 na Colômbia, 70 no Peru, no México e na Argentina. Nosso negócio não é fazer crédito ao consumo. Atuamos um pouco com crédito corporativo, mas basicamente apoiamos as companhias com bom aconselhamento, linhas de crédito e, eventualmente, até com capital permanente para sermos sócios das companhias, dos projetos. Enfim, a gente não acredita em banco de investimentos que não investe", explicou.

O banco possui escritórios centrais no Rio de Janeiro e em São Paulo e outros sete escritórios regionais, um deles em Curitiba. "O banco tem mais de 30 anos e os sócios são os funcionários. Não deixa de ser um modelo parecido com o das cooperativas. Uma vez por ano, a gente realoca as ações entre 2% a 5% entre os sócios que estão contribuindo um pouco mais do que os outros. É o nosso modelo, o *partnership* meritocrático, como nós chamamos. Apesar disso, nós também somos uma companhia pública, ou seja, negociada na bolsa de valores", disse ainda. 🍌

Passaporte para o conhecimento

Fotos: Arquivo Ocepar



Universidade HEC Montreal foi um dos locais visitados pelo grupo no Canadá

Após fazer uma imersão pelo cooperativismo da Argentina, em 2013, e desembarcar na Itália, Alemanha e Holanda, em 2014, os paranaenses que integram a quinta turma do Programa Internacional de Formação de Executivos e Líderes Cooperativistas carimbaram, neste ano, o passaporte no Canadá e Estados Unidos, cumprindo mais uma parte do roteiro de missões técnicas, entre os dias 16 e 28 de maio.

Participaram 26 lideranças, entre representantes de cooperativas agropecuárias e de crédito, do Sistema Ocepar, da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) e Sebrae/PR. Eles estiveram em instituições de ensino, entidades vinculadas ao cooperativismo, cooperativas que atuam em diversos segmentos e propriedades agrícolas. O grupo teve a oportunidade de

iniciar a viagem conferindo a pujança do cooperativismo canadense.

Naquele país, cuja população soma 35,7 milhões de habitantes, são 759 mil cooperativas e 16,8 milhões de associados. Pelo menos 47% dos canadenses fazem parte de uma cooperativa, sendo que 33% são sócios de cooperativas financeiras, que se equiparam às de crédito brasileiras e representam o ramo mais expressivo no Canadá.

Um dos destaques da visita dos paranaenses ao Canadá foi o Sistema Desjardins de cooperativismo de crédito, que congrega 694 cooperativas, 72 mil funcionários, 10,1 milhões de associados, rentabilidade média de 8,11% e 229 bilhões de dólares canadenses em ativos.

EUA – Nos Estados Unidos, são quase 30 mil cooperativas, en-

Paranaenses conhecem cooperativismo canadense e norte-americano, cumprindo mais um roteiro de viagens pelo mundo

tre todos os ramos, sendo a grande maioria de crédito. São pouco mais de 6.300 cooperativas de crédito, que respondem por 7% do mercado nacional e detêm US\$ 1,1 trilhão dos US\$ 15,6 trilhões dos bancos. Recentemente, o setor comemorou a conquista de 100 milhões de membros, o que significa crescimento três vezes superior ao da população do país.

A viagem pelos EUA começou no dia 25 de maio, por Wisconsin, estado que possui um dos maiores rebanhos de gado bovino dos EUA, é o maior produtor nacional de queijo e manteiga e o segundo maior produtor nacional de leite.

No setor agropecuário, a primeira cooperativa foi organizada naquele país em 1810. Atualmente, são 2.186 cooperativas de produção agrícola, das quais 120 são de serviços de transporte, secagem e outros processamentos. Além disso, 81% do leite norte-americano é comercializado por meio de cooperativas, que recebem também 35% de grãos e óleos; 56% de algodão; 19% de vegetais e 14% das carnes. O setor cooperativista também responde pelo fornecimento de 45% de fertilizantes; 45% de petróleo (gasolina e óleo diesel); insumos de proteção de cultura, 35%; sementes, 20% e pecuária, 35%.

Novos horizontes – Após concluir mais um módulo do Programa Internacional de Formação, o presidente da Sicredi Parapanema, com sede em Cambará, no Norte do Paraná, Claudinei Angelin, disse que ficou animado com a experiência proporcionada pela missão. “Esse programa abre novos horizontes.

Estamos tendo a oportunidade de conhecer o trabalho realizado pelas cooperativas lá fora e voltamos mais fortificados, por ver que o cooperativismo no Brasil tem uma importância muito grande. Ao fazer um comparativo entre os sistemas cooperativistas brasileiro e do restante do mundo, percebemos que estamos bem organizados e estruturados, tanto na área de produção, como no de crédito”, afirmou.

Em sua avaliação, o fato de a maioria das cooperativas brasileiras de crédito estar vinculada a um sistema, como o Sicredi e o Sicoob, é um diferencial que beneficia o ramo. “No Canadá, Estados Unidos e Europa, as cooperativas trabalham isoladamente, diferentemente daqui, onde existem sistemas de crédito que permitem um trabalho solidário entre as cooperativas”, acrescentou.

A diversidade de atuação foi um dos aspectos deste módulo que mais chamaram a atenção do diretor-secretário da Cooperativa Copacol, com sede em Cafelândia, no Oeste do Paraná, Silvério Cons-

tantino. “Tanto no Canadá como nos Estados Unidos, as cooperativas são bem segmentadas e focadas em determinados tipos de serviços”, disse. Ele citou a Coopérative Funéraire Du Grand Montreal, que funciona em Longueuil, na região metropolitana de Montreal, e presta serviços funerários, como cremação, embalsamento, exposição, traslado e guarda. Outro diferencial é o atendimento psicológico às famílias dos associados, de forma presencial ou por meio de fóruns virtuais.

Além disso, ele destacou a cooperativa de trabalho constituída por jovens e adolescentes de 12 a 15 anos, cujo objetivo é oferecer serviços nas comunidades onde eles residem, como jardinagem, pintura, pequenos reparos, entre outros. Os cooperados são estimulados a trabalhar de forma coletiva e empreendedora. “É um meio de praticar o exercício da cooperação. Três mil crianças são atendidas por ano na cooperativa. Assim está sendo plantada uma semente que vem dando frutos ao longo dos anos”, frisou.

No entendimento do presidente do Conselho de Administração do Sicoob Norte do Paraná, com sede em Londrina, Wilson Cavina, a viagem proporcionou contato com diversas experiências que podem ser agregadas à realidade local. “O último módulo foi muito proveitoso, pois demonstrou as práticas dos dois países no âmbito do cooperativismo. Tudo que foi apresentado é viável e pode ser aplicado de alguma forma do sistema cooperativo nacional. Isso vai depender do momento e da forma que for trabalhado ou adaptado” disse.

Ele também salientou a cooperação estabelecida com cooperativas de outras partes do mundo durante este contato realizado por meio do Programa. “É uma ótima iniciativa por reunir o sistema em busca de novas ideias, soluções e inovações para o cooperativismo nacional, com base em grandes exemplos internacionais. Acaba sendo até um tipo de intercooperação entre instituições de diversos países, o que deve ser uma prática constante no movimento”, completou. 🌟

Foto: Arquivo Ocepar



Nos Estados Unidos, cooperativistas estiveram na sede do Credit Union National Association (Cuna)



Resultados do levantamento foram apresentados aos profissionais das cooperativas paranaenses de diversos ramos no 1º Fórum de Qualidade de 2015

Raio X da qualidade

Pesquisa identifica grau de maturidade das cooperativas paranaenses no gerenciamento de ações e processos. Resultado servirá para direcionar atividades de treinamento

Identificar o estágio de maturidade das cooperativas do Paraná em gestão da qualidade. Esse foi o objetivo da pesquisa realizada pelo Sistema Ocepar, com apoio da empresa de consultoria Gestão Inteligente, cujos resultados foram apresentados no dia 27 de maio, no 1º Fórum de Gestão da Qualidade de 2015. O evento foi realizado na sede da entidade, em Curitiba, com a participação de 35 profissionais de cooperativas paranaenses dos ramos agropecuário, crédito, saúde e transporte.

Os dados do levantamento serão utilizados para direcionar o trabalho do Fórum, especialmente em relação aos treinamentos nessa área. "São elementos que servirão de subsídio para proporcionar maior assertividade ao setor e melhorar a gestão das cooperativas", afirmou o assessor da Gerência Técnica e Econômica da Ocepar, Sílvio Krinski, que coordena o Fórum de Qualidade.

Ainda de acordo com ele, a gestão da qualidade contempla todo o trabalho desenvolvido pela cooperativa, desde o plano de ação até as atividades realizadas com o intuito de aprimorar processos, reduzir os custos, alcançar maior eficiência, entre outras. Trinta cooperativas dos ramos agropecuário, saúde e crédito responderam espontaneamente à pesquisa, enviada para todas as filiais do Sistema Ocepar. O questionário contemplou trinta questões divididas em gerenciamento de rotina e gerenciamento de melhorias. Na média, as cooperativas avaliadas obtiveram nota 6,7. Entre os itens que elas conquistaram melhores desempenhos estiveram: planejamento estratégico, qualidade e produtividade e tecnologia.

Para o analista de gestão da Cooperativa Primato, sediada em Toledo, Oeste do Paraná, Denilson Rodrigues, o Fórum promovido pela

Ocepar contribuiu para ampliar os conhecimentos sobre gestão da qualidade e também foi uma oportunidade para estreitar relacionamento com as demais cooperativas. "O evento foi bem oportuno e nós combinamos um intercâmbio com a Castrolanda, com visitas entre as cooperativas para discutir as ferramentas de gerenciamento que cada uma está utilizando. Também já entramos em contato com outras cooperativas para tratar sobre nossas experiências", afirmou.

Ele disse ainda que houve boa receptividade da diretoria da Primato em relação aos resultados do levantamento sobre o grau de maturidade da cooperativa quanto à gestão da qualidade e que as informações já foram utilizadas internamente. "Nós desenvolvemos três planos de ação a partir dos dados da pesquisa, envolvendo a indústria de rações, marketing e os supermercados", contou. 🍌

A menor distância entre duas pessoas é o sorriso.



Dia
de Cooperar
2015

A intercooperação é a chave
para o crescimento.



A **Dental Uni** é a maior **cooperativa odontológica** do Brasil, com **30 anos** de experiência em promover a saúde bucal para **milhares de pessoas**. A cooperativa participa anualmente do **Dia C - de cooperar**, levando **profissionais especializados** às comunidades carentes e realizando **palestras** gratuitas sobre saúde bucal e atendimento odontológico personalizado na **Odontomóvel**.

Conheça os inúmeros diferenciais da maior cooperativa odontológica.

Renda, emprego e desenvolvimento



No início dos anos sessenta, a falta de locais para armazenar a produção e as dificuldades para comercializar a safra eram as principais queixas dos produtores de Palotina, no Oeste do Paraná. Preocupado com a situação, Marcelino Afonso Neis, o primeiro prefeito eleito do município, convocou uma reunião para discutir a constituição de uma cooperativa, sugestão dada pelo governador na época, Ney Braga. “Expedi 44 convites, mas só 24 agricultores apareceram no dia 7 de novembro, às duas horas da tarde, numa sala da recém-instalada prefeitura”, lembra Neis. Mesmo desconfiados de que a ideia não prosperasse, os agricultores fundaram a Cooperativa Agrícola Mista de Palotina Ltda (Campal), que em 1974 mudou de nome para Cooperativa Agrícola Mista Vale do Piquiri Ltda (Coopervale), e em 2003 para C.Vale Cooperativa Agroindustrial.

As desconfianças que marcaram o início das atividades da coo-

C.VALE

Associados

15.900

funcionários

6.700

Faturamento

R\$ 4,6 bilhões

Fonte: C.Vale/Ano base: 2014



Complexo industrial da cooperativa, em Palotina, Oeste do Paraná.

Foto: Assessoria C.Vale

perativa foram sendo superadas, a medida que os negócios prosperavam. “Nos anos setenta, começamos a construção do primeiro armazém próprio. Isso gerou algumas situações engraçadas. Nos domingos era uma verdadeira procissão de gente que ia ver aquele buraco onde estava sendo instalada a primeira moega. As pessoas não acreditavam que aquilo iria encher. Era muito engraçado escutar as conversas. A grande surpresa aconteceu logo no primeiro ano, quando foi preciso alugar armazéns infláveis para guardar a grande quantidade de grãos”, conta.

Dos 24 fundadores, Marcelino Neis, aos 91 anos, é o único associado vivo e que continua operando com a C.Vale. “São mais de 50 anos como associado. A maioria das coisas que eu fiz de capital vieram dos meus negócios com a cooperativa. Quero permanecer como sócio até o fim da minha vida”, finaliza, emocionado. E ele tem motivos para se orgulhar, já que a C.Vale, cooperativa que ajudou a fundar, é atualmente uma das maiores do Brasil.

O início modesto, em uma estrutura alugada ficou para trás. Hoje, a C.Vale possui 115 unidades de negócios em quatro estados do país (Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul) e no Paraguai. Atua com destaque na produção de soja, milho, trigo, mandioca, leite, frangos e suínos. Possui ainda um moderno complexo avícola com capacidade de abate de 600 mil frangos/dia. Foi o primeiro sistema de integração avícola brasileiro, em escala comercial, a utilizar processos automatizados para o controle de ambiente.

O apoio ao cooperado, inclui ainda crédito agrícola, assistência agrônômica e veterinária, e cursos e treinamentos para atualização.

Uma atuação que resultou, no ano passado, num faturamento recorde de R\$ 4,6 bilhões. A C.Vale também figura no ranking das 30 maiores empresas exportadoras do país, destinando ao mercado externo 50% de tudo o que é industrializado em seu complexo avícola. Os principais mercados atendidos são a Europa, Ásia (Japão e China), África do Sul e Oriente Médio.

Valorização do trabalho



Foto: Assessoria Unicampo

Cooperativa de trabalho atende clientes de 22 estados brasileiros



ciamento, perícias, avaliações, fiscalizações e laudos para seguro de lavouras, suporte técnico para utilização de produtos, manejo de solos, entre outras ações”, explica o presidente da cooperativa, Luciano Ferreira Lopes.

A previsão é que, neste ano, o faturamento supere os R\$ 75 milhões obtidos em 2014. “Nosso principal desafio é manter o ritmo de expansão”, comenta Lopes. Para dar suporte aos planos de crescimento, nos próximos anos, a sede da cooperativa será transferida para outro edifício em Maringá, o Rochdale, cujo nome remete à cidade inglesa onde, há 170 anos, surgiu o embrião do movimento cooperativista. Nesse espigão de 16 pavimentos, a cooperativa, proprietária do terreno, terá direito a todo o térreo, podendo com isso obter receita com o aluguel de salas comerciais (que será revertido para o FATES), sobreloja, onde vai acomodar seus setores, e um dos pisos de estacionamento. “São vantagens que, certamente, irão contribuir para que a Unicampo se firme, cada vez mais, no mercado brasileiro”, reforça o dirigente.

Em 1992, a Cocamar, de Maringá, decidiu, por uma questão de necessidade, terceirizar os serviços de assistência técnica aos produtores. “A notícia foi recebida com muita preocupação pelos profissionais que integravam o quadro funcional da cooperativa. Não sabíamos se iríamos convergir para a formação de uma empresa privada, uma associação ou uma cooperativa”, lembra o ex-presidente Nivaldo Barbosa de Mattos, que na época era agrônomo da Cocamar, em Iporã.

A opção por uma cooperativa se mostrou o melhor caminho e, assim, nasceu a Unicampo (Cooperativa de Trabalho dos Profissionais de Agronomia). “O temor era que a ideia não prosperasse”, comenta Mattos, um dos fundadores da Unicampo e hoje seu diretor secretário. Ele lembra que uma comissão foi formada com o propósito de estudar a formatação de uma cooperativa de trabalho e que, com a ajuda do atual superintendente da Ocepar, José Roberto Ricken, foi apresentado um projeto inspirado no bem-sucedido modelo das cooperativas Unimed.

“Os primeiros anos não foram fáceis. Houve divergências e uma seleção natural entre os próprios dirigentes e associados. Permaneceram

apenas aqueles que realmente acreditaram na cooperativa”, conta Mattos. O agrônomo Heidi Kondo foi um deles. Ele ingressou na cooperativa em 1993, após graduar-se em Bandeirantes (PR). Como associado, Kondo elenca, entre outros benefícios, a remuneração adequada à categoria, o uso de ferramentas e recursos atualizados para exercer a profissão, reciclagens, plano de assistência médica e odontológica e seguro de vida. “É um orgulho participar da cooperativa. Aqui eu me sinto seguro, valorizado e feliz”, resume.

O tempo e a dedicação de cooperados provaram que o modelo cooperativista pode ser aplicado com sucesso também na prestação de serviços. Atualmente, a Unicampo se destaca como a maior em seu setor no Brasil. Seu quadro social é composto por 1,5 mil cooperados, entre engenheiros agrônomos, médicos veterinários, biólogos, zootecnistas, técnicos agrícolas e em agropecuária; atua em 22 estados; e tem uma carteira de clientes com cerca de 40 empresas do segmento de agroquímicos, instituições financeiras e seguradoras, além de produtores rurais. “Nossos cooperados realizam o trabalho de assistência técnica ao crédito rural, georreferen-

UNICAMPO

Ano de fundação

1992

Faturamento

R\$ 75 milhões

Número de Cooperados

1500

Fonte: Sistema Ocepar e Unicampo/Ano base: 2014

Negócios, tecnologia e inovação

Exposição Agropecuária organizada pela Cooperativa Batavo, no mês de maio, reuniu grande número de visitantes que puderam conferir novidades na área de pecuária leiteira

A ExpoFrísia 2015 - Exposição Agropecuária de Carambeí, promovida de 26 a 29 de maio pela Cooperativa Batavo, no Parque Histórico de Carambeí, em Carambeí, na região dos Campos Gerais, movimentou R\$ 9 milhões em negócios, o que representa um aumento de 80% frente à edição passada e satisfaz a expectativa do público, expositores e organizadores.

Com 30% de aumento em estruturas e visitantes em relação à exposição de 2014, a edição deste ano apresentou novidades do mercado, tecnologia e conhecimento científico, além de ser realizada simultaneamente à inauguração do Parque das Águas (veja matéria na página seguinte) e à abertura da tradicional Festa dos Imigrantes, que presta homenagens à imigração de diversos povos ao Brasil. Juntos, esses eventos registraram a presença de 15 mil pessoas.

No primeiro dia de feira, o ponto alto foi a participação de 40 crian-

ças e adolescentes no Clube de Bezerras, onde foram apresentados para julgamento animais nascidos entre dezembro do ano passado e janeiro de 2015. A novidade deste ano foi a categoria Fraldinha, em que crianças menores de dez anos puderam desfilar com seus animais, acompanhadas pelos pais.

Já no dia 28 de maio, tanto os expositores quanto o público, puderam conferir a qualidade das raças Jersey, holandês Vermelho e Branco (novidade da ExpoFrísia 2015) e holandês Preto e Branco. O leilão foi transmitido ao vivo pela TV Terra Viva e contou com lances realizados presencialmente, por telefone, Facebook e até Whatsapp.

Antes do leilão, foi realizado o lançamento do 2º Catálogo de Touro, resultado da intercooperação entre a Batavo, Castrolanda e Capal, que reúne uma seleção de 50 animais de qualidade superior, escolhidos entre mais de mil exemplares das 13 em-

presas de genética participantes. A escolha envolveu critérios como ênfase em produção de leite com sólidos, boa vida produtiva e características de saúde, além de úbere, pernas e tipo.

Foram ministradas palestras técnicas direcionadas a pecuaristas de leite, sobre aumento da produtividade, combate às principais doenças e a correta maneira de realizar o parto bovino. Especialistas também abordaram outros temas, como motivação e mercado agropecuário. Já a Fundação ABC tratou do manejo de plantas daninhas resistentes a glifosato e tecnologia de aplicação de defensivos agrícolas.

Em relação ao julgamento dos animais, a qualidade dos exemplares das raças Jersey, holandês Vermelho e Branco e holandês Preto e Branco surpreendeu o jurado canadense Joël Lepage.

Festa dos Imigrantes - O encerramento da ExpoFrísia ocorreu com a abertura da Festa dos Imigrantes, promovida pelo Parque Histórico de Carambeí, que homenageou a Cooperativa Batavo pelos 90 anos completados em 2015. Além de eventos alusivos e comidas típicas, os visitantes puderam presenciar a rotina dos imigrantes de Carambeí no início da colonização.

O "Museu Interativo", organizado pela Associação Parque Histórico de Carambeí, ofereceu apresentações com voluntários, descendentes de imigrantes, que recriaram tarefas cotidianas e até festas dos antepassados, como um casamento da década de 1930. 🍷



Foto: Samuel Millão Filho / Assessoria Ocepar

O presidente da Batavo, Renato de Castro Greidanus, saudando os participantes na abertura do evento

Estilo holandês de sustentabilidade

O Parque das Águas, inaugurado no dia 27 de maio, reproduz o cuidado existente em uma região da Holanda com a preservação dos recursos naturais, especialmente o hídrico

Foto: Assessoria da Associação do Parque Histórico de Carambeí



A nova atração foi construída tendo como inspiração o parque ambiental Zaanse Schans

Um ambiente ecologicamente correto localizado junto ao Parque Histórico de Carambeí (PHC) e que remete a uma pequena cidade de 2 mil habitantes, Zaanse Schans, próxima à Amsterdã, na Holanda. Assim é o Parque das Águas, inaugurado no dia 27 de maio, logo após a abertura da ExpoFrísia. “Trata-se da réplica de uma região holandesa. A inspiração do espaço vem do parque ambiental Zaanse Schans e retrata a relação do povo holandês com os recursos hídricos, reproduzindo a engenharia das águas, com a finalidade de ilustrar as soluções holandesas no controle dos fluxos de água para o desenvolvimento sustentável, como diques, moinhos e tecnologia limpa”, destaca Dick Carlos de Geus, presidente da Associação do Parque Histórico de Carambeí (APHC).

O vice-presidente da Batavo e um dos incentivadores da constru-

ção do Parque, Gaspar João de Geus, lembra que toda água utilizada no local é reutilizada e limpa. Além disso, no local predomina o estilo arquitetônico holandês, com construções feitas de madeira de reflorestamento. Um exemplo é a Casa da Sustentabilidade, onde foram ainda utilizados tijolos ecológicos e telhas reaproveitadas. Ela também conta com materiais reciclados na decoração, horta orgânica e composteira. A finalidade do espaço é familiarizar os visitantes a conceitos sustentáveis.

Algumas das casas são utilizadas por empresas parceiras na organização de acervos e exposições.

Casa do Cooperativismo –

Outra novidade do Parque das Águas é a Casa do Cooperativismo, que funcionou durante a ExpoFrísia e a Festa da Imigração Holandesa, no formato de estande, informando sobre a importância do cooperativismo para o

desenvolvimento econômico e social do Paraná.

Para o superintendente do Sistema Ocepar, José Roberto Ricken, que participou da inauguração do Parque, a iniciativa representa um verdadeiro resgate às origens dos imigrantes holandeses e que, com certeza, será um ponto turístico importante para a região, que já possui muitos atrativos. “Um local agradável e muito bonito, que abriga um rico acervo da imigração e que conta a história de quase um século de presença dos holandeses na região. Estamos felizes em fazer parte desta histórica, através do cooperativismo, hoje presente no parque com a abertura da Casa do Cooperativismo, onde, no futuro, teremos algumas informações que possam contar um pouco da história das cooperativas paranaenses”. A construção da casa contou com o apoio das cooperativas Coamo, Frimesa, Agrária, do Sistema Ocepar e da Monsanto. 🍌

Foto: Samuel Milício Filho / Assessoria Ocepar



Dick Carlos de Geus e José Roberto Ricken em frente à Casa do Cooperativismo

Sul, Sudeste e Centro-Oeste definem ações prioritárias

Para representantes das três regiões, governança, capacitação, comunicação e intercooperação são as demandas mais urgentes



Foto: Assessoria Ocesp

Reunidos na Ocesp, em São Paulo, OCB e unidades estaduais discutem os caminhos para ajustar estrategicamente o sistema

Alinhar as demandas, definir as estratégias e prioridades para que o cooperativismo brasileiro se fortaleça enquanto sistema. Este foi o objetivo do Fórum Regional de Presidentes, Superintendentes e Dirigentes do Sistema OCB que, em sua terceira edição, reuniu representantes das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, nos dias 11 e 12 de junho, em São Paulo (SP). “É necessário ouvir mais a base, saber o que ela precisa e discutir com muita transparência os problemas enfrentados para que o setor atue de forma mais integrada”, disse o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas, ao destacar a necessidade de uma maior aproximação entre a organização nacional e suas unidades estaduais.

O dirigente evidenciou, por exemplo, a dificuldade em obter dados e informações consistentes das

cooperativas. “Precisamos conhecer melhor a realidade dos estados, ter números que sustentem nossas decisões”, disse. Nesse sentido, reforçou o dirigente, os encontros regionais têm se mostrado um caminho eficaz para que o setor discuta globalmente aquilo que pode ser melhorado localmente. “Temos como estratégia manter esse fórum qualificado e permanente e, assim, reforçar a capacidade de ajustar estrategicamente o sistema”, declarou.

Desafios – Se, por um lado, o Fórum Regional abre a possibilidade para que a organização nacional elenque os desafios que, na sua visão, impedem que o cooperativismo se fortaleça enquanto sistema, por outro, os presidentes têm a oportunidade de detalhar a situação das organizações que representam e apontar o que julgam

prioridade. “Percebo que os desafios são enormes, como problemas de governança, capacitação, falta de alianças estratégicas, comunicação tímida e dificuldade de relacionamento e reconhecimento por parte dos poderes públicos. Por isso, a maioria dos nossos projetos estruturadores trabalha a gestão, a governança, a qualificação de mão de obra e, principalmente, a capacitação de dirigentes e gestores”, disse o diretor da OCB na região Sudeste e presidente do Sistema Ocesp, Edivaldo Del Grande.

Já o diretor da OCB na região Sul e presidente do Sistema Ocepar, João Paulo Koslovski, enfatizou que o maior desafio é buscar mais integração entre a OCB e suas unidades. “Em função das diferenças entre os estados, há questões que poderiam ser objeto de ação conjunta. Por meio de uma sistematização nacional, considerando as particularidades regionais, podemos fortalecer a integração e a intercooperação, o que permitiria à OCB auxiliar na reestruturação das entidades estaduais”, afirmou. Na opinião do presidente do Sistema OCB/MT e conselheiro do SESCOOP Nacional, Onofre Cezário Filho, dentre os grandes desafios da região Centro-Oeste está trabalhar a educação corporativa com foco no cooperativismo. “Nosso objetivo é formar executivos e dirigentes para os empreendimentos cooperativos”, concluiu.

A partir do debate e das sugestões dos participantes do Fórum Regional, o Sistema OCB formatará uma agenda de compromissos. 🤝

COLHER

JUNTOS COLHEMOS OS RESULTADOS DE 20 ANOS DE PARCERIA E PLANEJAMOS O SUCESSO DE NOSSO FUTURO.

EDGAR UESU
COOPERADO DE MARINGÁ (PR)

Há 20 anos a Cooperativa Integrada busca cultivar grandes ideias e, junto com seus cooperados, fazer cada uma crescer, evoluir e dar frutos. São esses frutos que compartilhamos todos os dias planejando o sucesso dos próximos anos.



INTEGRADA
COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL

20
ANOS

A AGRICULTURA É A MINHA,
A SUA E A NOSSA VIDA.

Unimeds do PR discutem padronização

Sistema homenageia cooperativista e promove debate de questões relevantes ligadas ao setor

Fotos: Wilson Ruanis



Evento foi aberto com a presença de diversas lideranças do cooperativismo de saúde

Aproximadamente 800 pessoas, em sua maioria colaboradores, cooperados e dirigentes, participaram do 23º Suespar – Simpósio das Unimeds do Paraná, de 18 a 21 de junho, em Foz do Iguaçu. Nesta edição, as palestras, minieventos e mesas-redondas tiveram como temática “Padronizar, Integrar e Evoluir”.

Na abertura, o presidente da Unimed Foz do Iguaçu, Isidoro Alvarez, frisou a alegria de receber o Suespar na cidade e falou da hospitalidade, característica do brasileiro, lembrando seus tempos de estudante. O presidente do Sistema Ocepar, João Paulo Koslovski, citou o investimento que o cooperativismo faz em capital humano. De acordo com ele, somente em relação ao Sistema Unimed no Paraná, foram realizados mais de seis MBAs, entre outros cursos e eventos, todos subsidiados pelo SESCOOP/PR, beneficiando mais de 15 mil pessoas.

O presidente da Unimed do Brasil, Eudes Aquino, elogiou o cooperativismo paranaense e falou da

necessidade de maior integração e padronização do Sistema, para que possa evoluir ainda mais. Paulo Roberto Fernandes Faria, presidente da Unimed Paraná, lembrou que o homem não é apenas um ser competitivo.

“O britânico Charles Darwin é bastante conhecido por sua teoria evolucionista, que fala da seleção natural, da competitividade entre os mais fortes, etc.. No entanto, em sua obra, o pesquisador lembra que a raiz da ética humana encontra-se nos instintos sociais. O ser humano não é apenas competitivo, ele também é agregador e cooperativo. Esse espírito de cooperação, acredito, deve ser multiplicado”, frisou Paulo Faria.

Homenagem - Um dos pontos altos da abertura solene, no dia 18, foi a homenagem que o Sistema Unimed do Paraná fez ao presidente do Sistema Ocepar, João Paulo Koslovski, por seu trabalho ímpar ao cooperativismo paranaense. “É uma pessoa que tem sido exem-

plo de cooperação para nós. É um apaixonado, que tem levado a todo o Paraná o resultado grandioso de seus esforços. (...) ele conseguiu, com seu jeito amigo, agregador, franco, trabalhador e dedicado, conquistar um espaço gigante para o cooperativismo paranaense”, afirmou o presidente da Unimed Paraná.

Debates - Nos quatro dias de evento, os convencionais debateram inovação e tecnologia em saúde, rede assistencial, o papel da mulher no Sistema Unimed, novos produtos para o mercado e empresas, parceria público-privada, atenção personalizada à saúde, aspectos jurídicos das OPMEs (próteses, órteses e materiais especiais), entre outros. Estiveram presentes autoridades do Sistema Unimed Nacional e Estadual.

Entre os palestrantes convidados, André Médici, economista sênior do Banco Mundial para a área de Saúde e o professor Silvio Meira, cientista-chefe do C.E.S.A.R (Centro de Estudos e Sistema Avançados do Recife), professor do Centro de Informática da Universidade Federal de Pernambuco e consultor da ONU para Ciência e Tecnologia. 🍷



Presidente do Sistema Ocepar, João Paulo Koslovski (à esq.), foi homenageado na abertura

R\$ 9 bilhões para os agricultores

Esse é o montante de recursos que o Sicredi projeta liberar na safra 2015/16. No Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro, valor ultrapassa R\$ 2,2 bilhões

O Sicredi continua crescendo de forma sólida no crédito rural. Conforme demonstram os números do atual ano-safra 2014/2015 (apurados até maio de 2015), foram liberados R\$ 8,2 bilhões, em aproximadamente 160 mil operações, crescimento de 11% em relação ao ciclo anterior. Para a safra 2015/2016, que começou no dia 1º de julho, o Sicredi estima liberar aproximadamente R\$ 9 bilhões, em 180 mil operações.

O pequeno e médio produtor rural continuam sendo o segmento preponderantemente atendido pelo Sicredi. No ciclo 2014/2015, 72% das operações realizadas foram direcionadas a estes públicos.

Do montante de R\$ 9 bilhões, cerca de 80% (R\$ 7,5 bilhões) deverá ser direcionado para custeio, comercialização e investimento, por meio do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), do Programa Nacional

de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pronamp) e aos demais produtores. Os outros R\$ 1,5 bilhão serão liberados em operações com recursos do Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES) e do Fundo Constitucional do Centro-Oeste (FCO).

Na área de atuação da Central Sicredi PR/SP/RJ, o volume de recursos ultrapassa os R\$ 2,2 bilhões - um crescimento de 15% em relação à safra anterior. Desse valor, R\$ 655 milhões serão destinados ao Pronaf, R\$ 498 milhões ao Pronamp e R\$ 1,5 bilhão às demais linhas. Além disso, serão liberados R\$ 520 milhões nos programas do BNDES (Pronaf Mais Alimentos, Moderfrota, Moderinfra, Moderagro, Inovagro, Pronamp, entre outros).

De acordo com o presidente da Central Sicredi PR/SP/RJ e da Sicredi Participações S.A., Manfred Dassenbrock, esse aumento no volume de crédito vem ao encontro da proposta de fomentar a economia das regiões nas quais as cooperativas

de crédito e investimentos atuam. "Nosso propósito é dar suporte em todas as necessidades financeiras dos associados. Oferecendo essas soluções, entre elas o Plano Safra, ajudamos no desenvolvimento da economia e dos negócios das milhares de cidades nas quais o Sicredi está presente", destaca.

Sobre o Sicredi - O Sicredi é uma instituição financeira cooperativa com mais de 3 milhões de associados e 1.356 pontos de atendimento, em 11 Estados* do País. Organizado em um sistema com padrão operacional único, conta com 97 cooperativas de crédito filiais, distribuídas em quatro Centrais Regionais - acionistas da Sicredi Participações S.A. - uma Confederação, uma Fundação e um Banco Cooperativo que controla uma Corretora de Seguros, uma Administradora de Cartões e uma Administradora de Consórcios. Mais informações estão disponíveis no site - sicredi.com.br.

* Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Tocantins, Pará, Rondônia e Goiás.

Foto: Rafael Danielewicz/Central Press



Lançamento do Plano Safra do Sicredi aconteceu dia 24 de junho, em Curitiba, com a presença de presidentes e executivos



No ano passado, a primeira edição da prova reuniu 1.200 pessoas

Maringá será cenário do Sicoob Running

A cidade vai sediar a segunda edição do Circuito de Corridas, que homenageará a campeã paralímpica Terezinha Guilhermina

No dia 13 de setembro, Maringá, na região noroeste do Paraná, estará mobilizada para a segunda edição do Circuito de Corridas Sicoob Running, que vai homenagear, mais uma vez, a campeã paralímpica Terezinha Guilhermina, além de promover seu instituto em prol do paradesporto na cidade e na região. Além disso, a prova também difunde a saúde e o bem-estar da população. Na primeira edição, realizada em novembro do ano passado, foram mais de 1.200 participantes.

Os amantes da corrida poderão optar pela prova de quatro ou oito quilômetros de percurso, com largada às 9 horas, no antigo aeroporto, na avenida Gastão Vidigal. A prova terá duração máxima de duas horas e duas categorias: masculina e feminina.

As inscrições devem ser realizadas pelo site <http://www.sicoobrunning.com.br>. O primeiro lote de inscrições será de R\$ 50, de 1º de junho a 12 de julho; o segundo lote no valor de R\$ 60, de 13 de julho a 16 de

agosto; e o terceiro e último lote a R\$ 70, de 17 de agosto a 2 de setembro. O valor da inscrição inclui o kit do corredor, com mochila, número de peito, alfinetes, chip, camiseta, squeeze e medalha. O participante deverá retirar seu kit na Athletic Sport, no Shopping Avenida Center, em Maringá, nos dias 11 e 12 de setembro. Na data da prova também será possível retirar o kit no local.

Podem participar pessoas a partir dos 16 anos, desde que mediante autorização por escrito e firma reconhecida dos pais ou responsáveis legais. Cooperados do Sicoob Metropolitano, grupos de corridas inscritos com mais de 30 pessoas e idosos acima de 60 anos possuem descontos especiais na inscrição. São aguardadas mais de 1.500 pessoas nessa edição.

Serão premiados os três primeiros classificados de cada categoria, masculina e feminina; os três primeiros colocados em cada percurso, quatro e oito quilômetros; e os três primeiros colocados por faixa etária.

Além disso, haverá o troféu Unimed Solidária, para os três primeiros grupos de corrida que acumularem mais pontos.

O Circuito de Corridas Sicoob Running cria uma série de experiências únicas àqueles que buscam qualidade de vida por meio da prática esportiva. O evento de rua é feito para pessoas apaixonadas pelo esporte, bem estar físico e bom relacionamento durante o lazer.

A corrida contará com uma ampla estrutura de apoio aos atletas. Com isso, a organização preza por oferecer conforto, comodidade e segurança a todos os participantes.

O Circuito de Corridas Sicoob Running é uma realização do Instituto Sicoob, organizado por Pedro Dias Sports, com patrocínio do Sistema Sicoob Unicoob e Sancor Seguros, apoio da Athletic Sport e Unimed Maringá, apoio institucional do Instituto Terezinha Guilhermina e Prefeitura de Maringá e media partner Grupo Maringá de Comunicação e EuCorro.com. 🏃



Cautela na exigência de certidões para admissão de empregos

O artigo 2º da CLT impõe ao empregador a responsabilidade pelos riscos inerentes à atividade empresarial. Por outro lado, o empregador tem o poder diretivo sobre o seu negócio, o que significa coordenar as atividades laborais, aplicar eventuais penalidades, bem como definir critérios para a seleção de novos empregados, tais como: consulta aos últimos empregadores, entrevistas e testes seletivos. Mas a tarefa não é tão simples assim, principalmente, em relação aos critérios escolhidos para contratação de funcionários. Isto porque, nesse caso, o poder de mando do empregador encontra algumas limitações legais visando coibir atos de discriminação e preconceito.

O artigo 1º da Lei 9.029/95, por exemplo, proíbe a adoção de qualquer prática discriminatória na admissão de um empregado por motivo de sexo, origem, raça, cor, estado civil, situação familiar ou idade (ressalvadas as hipóteses de proteção ao menor). Em atenção a este comando legal, os Tribunais têm reiterado o entendimento de que é vedada a exigência de certidões de antecedentes criminais ou de restrições ao crédito desacompanhada de uma condição objetiva e capaz de justificar o acesso, por parte da empresa, a tais informações. Logo, a jurisprudência tem sinalizado que a imposição para que o candidato a uma vaga apresente esses documentos deve estar relacionada diretamente às atividades que irá exercer, sob pena de interpretar-se o critério de admissão como ato atentatório à honra e à dignidade do empregado, sendo passível de indenização por danos morais.

Para exemplificar melhor essa questão, basta analisar o julgado do TST a respeito:

AGRAVO DE INSTRUMENTO. RECURSO DE REVISTA. CERTIDÃO DE ANTECEDENTES CRIMINAIS. EXIGÊNCIA. CONFIGURAÇÃO DE DANO MORAL. DÁ-SE PROVIMENTO

AO AGRAVO DE INSTRUMENTO QUANDO CONFIGURADA NO RECURSO DE REVISTA A HIPÓTESE DA ALÍNEA C DO ART. 896 DA CLT. Agravo provido. RECURSO DE REVISTA. EXIGÊNCIA DE CERTIDÃO DE ANTECEDENTES CRIMINAIS. DANO MORAL. CONFIGURAÇÃO. Não se mostrando essencial à prática do trabalho desenvolvido, a exigência de certidão de antecedentes criminais fere o direito à honra e à intimidade previstos na Constituição Federal. Ademais, afronta diretamente o princípio da não discriminação na relação de emprego. A jurisprudência desta Corte tem entendido que tal conduta empresarial mostra-se abusiva, ocasionando, por consequência, a lesão moral passível de indenização (art. 5º, V e X, da CF). Recurso de revista conhecido e provido. (TST; RR 0237000-84.2013.5.13.0009; Segunda Turma; Rel. Des. Conv. Gilmar Cavalier; DEJT 12/06/2015; Pág. 1082)

Portanto, o empregador deve ter cautela quanto à exigência de documentos relacionados à condição pessoal do empregado, tais como certidão de antecedentes criminais ou ainda certidão emitida por órgãos de proteção ao crédito como Siprocc/Serasa. É importante entender isso somente pode ser utilizado como critério para admissão de funcionários quando as informações obtidas com as certidões tenham alguma pertinência com as atividades que objetivamente serão executadas pelo empregado. É o caso, por exemplo, daqueles que atuam com o transporte de valores, vigias, ou que no exercício de sua função tenham acesso a dados pessoais e sigilosos de clientes.

Assim, ao definir os critérios de seleção para novos empregados, ainda que não haja qualquer intenção por parte do empregador, deve-se ter ciência das limitações legais e da postura cautelosa a ser adotada para evitar riscos trabalhistas. 🍌

Daniely Andressa da Silva

Assessora Jurídica do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo do Paraná (Sescoop/PR)

OCB, 45 anos representando o cooperativismo do BR

A Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) completou, no dia 8 de junho, 45 anos de registro. São mais de quatro décadas de atividade incessante, cuidando dos interesses dos cooperativistas brasileiros, por meio da articulação e da contribuição em diversas frentes que envolvem os três Poderes da República. Ao longo deste quase meio século, o resultado deste trabalho é o fortalecimento do coope-

rativismo na agenda de desenvolvimento econômico e social do país.

Papel - "Nosso papel é amplificar essa voz, levantar a bandeira cooperativista e fazer com que sejam concretizados os pleitos fundamentais para o crescimento sustentável do setor. Para isso, contamos com as 27 organizações estaduais e com as 6,8 mil cooperativas, que nos aproximam dos 11,5 milhões de cooperados lá na pon-

ta", disse o presidente do Sistema OCB, Márcio Freitas.

Foto: Flora Ege



Ministro debate infraestrutura



Foto: Agência de Notícias da Fiep

no dia 19 de junho, que quer uma reunião técnica com representantes do setor produtivo do Paraná, para discutir a viabilidade de projetos de ampliação e melhoria de infraestrutura no Estado desenvolvidos pelo Fórum Permanente Futuro 10, grupo que reúne entidades representativas de diversos setores do Paraná, entre elas a Ocepar. Rodrigues esteve na Federação das Indústrias do Paraná (Fiep), no Campus da Indústria, em Curitiba, para apresentar a nova etapa do Programa de

Investimentos em Logística (PIL), com foco em rodovias do Paraná. O PIL 2 foi lançado pela presidente Dilma Rousseff no dia 9 de junho, em Brasília, e deverá contemplar dois modais no Paraná – rodoviário e portuário.

Estudo - O presidente do Sistema Fiep, Edson Campagnolo, apresentou ao ministro os estudos técnicos desenvolvidos pelo Fórum Futuro 10, que deram origem ao Plano Estadual de Logística e Transportes (Pelt 2035).

O ministro dos Transportes, Antonio Carlos Rodrigues, afirmou,

Paraná recebe cooperativistas paulistas

Cooperativistas de São Paulo visitaram a sede do Sistema Ocepar, em Curitiba, no dia 8 de junho. Eles foram recebidos pelo superintendente José Roberto Ricken e pelos gerentes de Autogestão e Desenvolvimento Humano, Gerson Lauermann e Leonardo Boesche, respectivamente, que explicaram o trabalho desenvolvido pela entidade e os modelos

de gestão, treinamento e planejamento do Sistema.

O grupo, composto por dirigentes e representantes de 17 cooperativas paulistas, realizou uma viagem de intercâmbio técnico para conhecer o cooperativismo do ramo agropecuário no Paraná. A programação incluiu visitas às cooperativas Castrolanda, Batavo, Lar, C.Vale e Copagrill.

Foto: Assessoria Copagrill



Certificação de gestores cooperativistas



Foto: Assessoria Copagrill II

Um projeto-piloto do Programa de Certificação de Gestores Cooperativistas, desenvolvido em conjunto com o Sescoop/PR e o Instituto Superior de Administração e Economia (Isae), teve início na Copagrill. A formação segue o modelo do Programa de Certificação de Conselheiros, sendo que a Copagrill também foi a pioneira do ramo do agronegócio a receber o curso, no Paraná, no final do ano de 2013.

Primeiro módulo - O primeiro módulo aconteceu nos dias 18 e 19 de junho, com a participação de 42 pessoas, entre eles gerentes e encarregados das unidades da Copagrill. O objetivo é promover o aprendizado constante dos gestores, a fim de potencializar os resultados e desenvolver novas habilidades para o sucesso da gestão e a perenidade das cooperativas.

Especialização em gestão

Mais duas turmas de especialização tiveram início no dia 29 de maio, em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop/PR). Na Coamo, em Campo Mourão, na região Noroeste do Estado, 45 profissionais estão participando da pós-graduação em "Gestão estratégica e o agronegócio". A instituição de ensino responsável pelo curso é o Isae - Instituto Superior de Administração e Economia. Já no Sudoeste do Paraná, começou a especialização

em "Planejamento e gerenciamento estratégico", com 40 profissionais do Sicoob Integrado, com módulos acontecendo alternadamente nas cidades de Coronel Vivida e Pato Branco.

In company - Na Capal, a terceira turma de pós graduação in company, em parceria com o Sescoop/PR e a FAE Business School começou no dia 19 de junho. O curso "Governança Estratégica do Agronegócio" conta com a participação de 23 funcionários da cooperativa, associados e

também funcionários das cooperativas Sicredi Capal e Ceral, somando 41 alunos.

Foto: Assessoria Coamo



Recursos do BRDE



Foto: Agência de Notícias do Paraná

Em junho, o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) assinou novos convênios destinados a repasse de recursos para cooperativas do Paraná e seus cooperados. Um deles foi firmado com a Capal Cooperativa Agroindustrial, com sede em Arapotí, região dos Campos Gerais, que investirá R\$ 20 milhões na ampliação da atividade de suinocultura. Também foram liberados mais R\$ 5,4 milhões para quatro

produtores associados à Capal, para investimento na produção de leite e de suínos.

Para a Castrolanda serão repassados R\$ 32,5 milhões que serão destinados à ampliação da Usina de Beneficiamento de Leite, em Castro. O BRDE também está financiando novos projetos nas áreas de suinocultura e florestas, no valor de R\$ 2,5 milhões, para produtores associados à Batavo Cooperativa Agroindustrial.

Indústria de ração da Primato é certificada

Após uma visita final para auditoria, realizada por fiscais do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), no dia 12 de junho, a Primato recebeu, com nota de avaliação 92 – o que corresponde à categoria Grupo 1 – as certificações referentes à IN 04, de Boas Práticas e IN 65, de Fabricação com medica-

mentos. Os fiscais aprovaram as condições apresentadas na Indústria de Ração da cooperativa e elogiaram o nível de excelência aplicado. “Isso é inédito, vocês são referência”, disse o representante do governo.

Normativas – As normativas, como as recebidas no dia 12 de junho, abordam itens como rastreabi-

lidade, higiene pessoal, segurança do trabalho, limpeza do local de trabalho, prevenção de contaminação cruzada, comprometimento com a origem das matérias-primas, adição de suplementos, premixes, núcleos ou concentrados com medicamentos para os animais de produção, entre outros.

9º Encontro de Mandiocultores recebe 1.500 visitantes



Foto: Assessoria Copagra

Cerca de 1.500 visitantes de várias partes do Paraná e também de outros estados, como Bahia, São Paulo e Mato Grosso do Sul, prestigiaram o 9º Encontro de Mandiocultores, promovido pela Copagra, em parceria com o Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar) e Embrapa. Na ocasião, foi oficializado o contrato de parceria entre a Copagra e o Instituto Iapar, que visa à intensificação de pesquisas voltadas para a busca de novas variedades e também

para o controle de pragas e doenças na cultura da mandioca.

Palestras – No evento foram ministradas palestras sobre produtos para o controle fitossanitário na cultura da mandioca; situação atual e perspectivas de mercado para 2015/2016 e as características mecânicas de uma colhedora. Uma plantadeira foi sorteada entre os participantes ao final do encontro, em Nova Londrina.

Evento marca 30 anos da Sicredi Norte Sul

No dia 3 de junho, a Sicredi Norte Sul PR/SP realizou um grande evento comemorativo aos 30 anos de fundação, na Estância Caranca, em Santo Antônio da Platina (PR). Centenas de associados, colaboradores, dirigentes além de conselheiros da cooperativa estavam presentes e acompanharam a celebração, que teve homenagens e o sorteio final da campanha pro-

mocional “30 Anos, 30 prêmios Sicredi Norte Sul PR/SP”. A cooperativa foi fundada no dia 3 de junho de 1985 em Jacarezinho (PR). Atualmente conta com uma rede de 20 unidades de atendimento, em 2 estados brasileiros, e tem apresentado um crescimento médio de 18% no número de associados e de 26% no volume de recursos administrados.



Foto: Assessoria Sicredi Norte Sul



Foto: Ricardo Rossi/Ocepar

“ Para crescer, é preciso diminuir a carga tributária, os gastos públicos e o tamanho do Estado. Está se falando disso? Infelizmente não... Assim, estamos enfrentando o gigantismo do Estado, que claramente está tirando a produtividade econômica ”

Pêrsio Arida, economista e um dos idealizadores do Plano Real, ex-presidente do Banco Central e chairman do Banco BTG Pactual, durante o Fórum de Mercado e Financeiro do Sistema Ocepar

“ Às vezes a gente vê esse momento de modo meio pessimista. Mas é mais um ciclo e os ciclos vão e vêm. O importante é que as nossas companhias estão sempre performando. O exemplo é o Brasil agrícola que consegue obter um resultado excepcional, é mundialmente competitivo, enorme gerador de riqueza e de divisas para o país ”

André Esteves, presidente do BTG Pactual, ao falar sobre o cenário econômico brasileiro no Fórum de Mercado e Financeiro do Sistema Ocepar

“O agronegócio, como sempre repito pelo país afora, não é gasto, não é custeio. O agronegócio é um investimento que retorna rapidamente à veia da economia”

Ministra da Agricultura, Kátia Abreu, durante encontro com representantes do setor produtivo na Ocepar, em que detalhou o Plano Agrícola e Pecuário 2015/16

“Há uma grande demanda por infraestrutura no Brasil. E se há demanda, há investimentos”

Nelson Barbosa, ministro do Planejamento, durante o lançamento do pacote do governo federal de estímulo à infraestrutura

“Quero ter a oportunidade também de parabenizar a Ocepar, que em todos os planos safras têm contribuído muito com propostas para que a gente melhore a situação do agricultor brasileiro. Eu não tenho dúvidas de que, desta vez, também a Ocepar contribuiu”

Gleisi Hoffmann, senadora paranaense, em discurso no Senado Federal sobre o Plano Agrícola e Pecuário da safra 2015/16 (PAP)

“Não há como o país superar o atual momento de dificuldades sem contar com a força do agronegócio. O caminho é fortalecer o campo, fazer da propriedade uma unidade cada vez mais produtiva e, em relação a isso, a participação da mulher é fundamental”

Osmar Dias, vice-presidente de Agronegócios do Banco do Brasil, em evento na Cocamar, em Maringá

Poupedi Sicredi



Sonhando com um carro novo? Engate a primeira fazendo uma Poupedi Sicredi para ele.

Para todos os planos da sua família, conte com os Poupedis para ajudar você a poupar. Investindo na poupança do Sicredi, você ganha o rendimento da aplicação e mais os resultados¹ da cooperativa no final do ano; e a comunidade também ganha, porque os recursos são reinvestidos na sua região.

Venha falar com a gente.
Faça uma Poupedi Sicredi.

Acesse
www.poupedisicredi.com.br
e descubra várias dicas
para poupar e realizar.

**GENTE
QUE
COOPERA
CRESCER.**
SICREDI



GRANDES VIAGENS COMEÇAM COM GRANDES ROTEIROS

A Cooptur é especializada em roteiros técnicos e viagens corporativas. Oferecemos roteiros de imersão em cooperativismo pelo estado do Paraná, viagens de incentivo para os colaboradores de sua cooperativa e roteiros técnicos internacionais nos países do Mercosul. Personalizamos a viagem para sua corporação.


COOPTUR
COOPERATIVA PARANAENSE DE TURISMO

Solicite seu orçamento pelo email contato@cooptur.coop.br
ou pelo telefone (42) 3231-2241 | www.cooptur.coop.br